



STEPHANIE DUARTE ESTÉBAN

O CONSUMO RITUALÍSTICO DO BAILE DE DEBUTANTES

Maringá

2014



STEPHANIE DUARTE ESTÉBAN

O CONSUMO RITUALÍSTICO DO BAILE DE DEBUTANTES

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Administração do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Estadual de Maringá.

Orientadora: Prof^a. Dra. Olga Maria Coutinho Pépece.

Agência Financiadora: CAPES

Maringá

2014

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central – UEM, Maringá – PR., Brasil)

E79c Estéban, Stephanie Duarte
O consumo ritualístico do baile de debutantes /
Stephanie Duarte Estéban. -- Maringá, 2014.
110 f. : il. color.

Orientadora: Prof.a Dr.a Olga Maria Coutinho
Pépece.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de
Maringá, Programa de Pós-Graduação em Administração,
2014.

1. Ritual. 2. Consumo. 3. Cultura. 4. Baile de
debutantes. I. Pépece, Olga Maria Coutinho, orient.
II. Universidade Estadual de Maringá, Programa de
Pós-Graduação em Administração. III. Título.

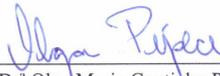
CDD 21.ed. 658.8342

STEPHANIE DUARTE ESTÉBAN

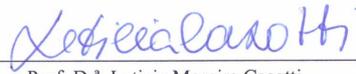
O CONSUMO RITUALÍSTICO DO BAILE DE DEBUTANTES

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Administração do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Estadual de Maringá, sob a apreciação da seguinte banca examinadora:

Aprovada em: 29/07/14



Profª Drª Olga Maria Coutinho Pépece
- presidente -



Prof. Drª. Leticia Moreira Casotti
- membro examinador convidado -



Prof. Dr. Francisco Giovanni David Vieira
- membro examinador -

Maringá

2014

A quem planeja, busca, persiste e realiza.

AGRADECIMENTOS

Não foi fácil chegar até aqui. Percorri dois anos de distâncias, saudades e perdas, e se não fosse o apoio de pessoas que me são tão caras, não conseguiria este trabalho.

Agradeço primeiramente ao meu pai Charles, que há um mês da minha banca de defesa, foi chamado junto a Deus. Era o meu maior apoiador e admirador. Se não fosse pelos seus ensinamentos de amor à leitura e dedicação ao que se ama, eu nada teria feito. Saudades eternas de você, companheiro! De onde quer que você esteja, saiba que essa vitória é sua também.

Agradeço à minha mãe Adriana, que acompanhou toda a minha trajetória e me deu forças quando mais precisei. Uma mulher de fibra, exemplo que seguirei por toda a minha vida. É o meu norte, o meu porto seguro.

Agradeço à minha irmã Nathalie, por aceitar pacientemente a minha distância e me admirar por quem sou, mais do que eu mesma. Por me ensinar o amor puro e incondicional por outro ser humano e o bem que se faz quando partilhamos.

Agradeço à minha querida vó Tuca, que me deixou no fim do primeiro ano de mestrado e que no auge dos seus noventa e um anos, me ensinou o que é ter jovialidade e perseverança.

Agradeço às minhas tias, especialmente Zélia, Rose e Neusa, por serem minhas madrinhas, minhas amigas, meus exemplos, meu colo.

Agradeço ao tio João por sempre se preocupar comigo e ser meu avô postiço.

Agradeço à minha tia Té pela simpatia e alegria de sempre.

Agradeço à minha prima Bruna por ser meu ouvido, minha companheira e por alegrar a minha vida.

À minha orientadora, prof. Olga, por me dar o primeiro apoio para entrar no mestrado. Sua paciência e compreensão comigo foi de uma pessoa iluminada e que jamais me esquecerei. Obrigada por compartilhar seus conhecimentos comigo.

Aos professores do PPA, especialmente Valter, Francisco Giovanni, Marcelo Crubellate, Hilka e Maurício que com suas aulas me mostraram o caminho do aprendizado e da pesquisa.

Ao professor Luciano pelos ótimos conselhos na minha banca de qualificação, principalmente no que diz respeito à minha metodologia.

À prof. Leticia Casotti, por aceitar o convite de participar da minha banca de defesa, por me receber tão bem no Rio de Janeiro e por ser sempre tão gentil e simpática.

Ao Bruhmer, por toda dedicação e paciência, por fazer do PPA uma segunda casa para os alunos.

A todos do DAD pela convivência no tempo em que fui técnico administrativo.

A todos do CSA, pelo apoio, carinho e amizade nos momentos mais difíceis da minha vida.

Aos colegas do mestrado, por tudo o que vivemos e compartilhamos juntos. Vou levar no coração todos vocês, sempre.

À Claudia pela incansável ajuda, pela amizade, por ser a pessoa inteligente, de gênio forte que é, e o presente que o mestrado me deu.

À Luciana pelos sorrisos, pelas conversas, pelo café colonial, por ser meu pedacinho de Minas no Paraná.

À Jheine por todas as conversas e risadas, por me inspirar com sua doçura e determinação.

À Liciane pela força e carinho, pela enorme inteligência.

À Isabela que morou comigo durante quatro anos e é simplesmente minha amiga-irmã. Por estar comigo sempre e me fazer enxergar o que sou de verdade.

À Pollyanna que me acompanhou pelas madrugadas e me ouviu quando mais ninguém me ouvia. Pelos almoços de domingo, pelas novelas e pelo carinho.

À Gabriela por ser minha pessoa, minha metade, meu anjinho. Por se preocupar comigo mesmo quando estou distante.

À Isabela por ser minha razão, por me dizer o que preciso ouvir. Pelo abraço apertado, longo e fraterno.

À Thalita pela família maravilhosa. Pelas conversas, pela companhia, pelas risadas, por ser a pessoa que eu posso dizer tudo, sem culpa, sem ressentimento. Espero que finalmente passe em Cálculo I, guria!

À Flávia pela amizade de toda uma vida, por ser meu oposto e meu igual, por ser a minha ídola.

Ao Zé Gota (vulgo Samuel) pelas conversas sobre mestrado, por estar longe, mas tão perto.

Ao Paschoini, que some muitas vezes, mas tem o melhor abraço do mundo.

Ao Vinícius por todos os conselhos, por todas as visitas e por ser sempre meu amigo.

À Ísis e à Brenda, pelo apoio e pelas incontáveis risadas.

Ao Dr. Guilherme, à Jussara, à Elaine, à Ariana e à Bárbara, por confiarem em mim e no meu potencial, e pela amizade.

Por fim, mas não menos importante, gostaria de agradecer a Deus por colocar todas essas pessoas maravilhosas em minha vida, e por todas as minhas conquistas.

*“Ele faria da queda um passo de dança,
do medo uma escada,
do sono uma ponte,
da procura um encontro.”*

- O Encontro Marcado -

(Fernando Sabino)

RESUMO

Este estudo analisa o consumo ritualístico, chamado de baile de debutantes ou como é mais conhecido no Brasil, a festa de 15 anos. O ritual é um tipo de ação social na qual há a manipulação de significado cultural para propósitos de comunicação e categorização coletiva e individual. Dessa forma, o ritual é uma poderosa ferramenta de transferência de significado do consumidor para o bem. Para ser caracterizado como experiência ritualística, é necessária a verificação de certos elementos: artefatos simbólicos, roteiro, papéis dos agentes, audiência (plateia) e repetição. A partir desses elementos, objetivou-se compreender o baile de debutantes como ritual de consumo, além da análise dos significados atuais da festa. Para o desenvolvimento deste estudo foi escolhida a metodologia qualitativa, motivada principalmente pela necessidade de investigar em profundidade a caracterização do baile de debutantes como consumo ritualístico a partir da identificação dos componentes caracterizadores de um ritual por meio da história oral de seis debutantes que foram entrevistadas em Maringá-PR e em São Sebastião do Paraíso-MG. A coleta de dados foi baseada nos três níveis de interpretação dos símbolos rituais propostos por Victor Turner (1974). Estes são: (1) Exegético, (2) Operacional e (3) Posicional. O primeiro nível foi abordado pela história oral, o segundo pela análise documental e o terceiro por meio da observação participante. Os resultados demonstraram que o baile de debutantes ainda é reconhecido como um rito de passagem, no entanto seu significado foi ressignificado devido às mudanças ocorridas na sociedade. Quanto à abordagem comparativa entre os bailes das duas cidades, chegou-se à conclusão que existem mais semelhanças do que diferenças.

Palavras-chave: Ritual. Consumo. Cultura. Baile de debutantes.

ABSTRACT

This study examines the ritualistic consumption, called a debutante ball or as it is known in Brazil, the celebration of 15 years. The ritual is a type of social action in which there is the manipulation of cultural significance for purposes of collective and individual communication and categorization. Thus, the ritual is a powerful tool of meaning transfer from the consumer to the right. Symbolic artifacts, script, actors' role, audience (audience) and repetition: To be characterized as ritualistic experience, verification of certain elements is required. From these elements, the objective was to understand the debutante ball as ritual consumption, and analysis of the current meanings of the party. To develop this study was chosen qualitative methodology, motivated primarily by the need to investigate in depth the characterization of the debutante ball as ritualistic consumption from the identification of characterizing components of a ritual through oral history of six debutantes who were interviewed in Maringá-PR and São Sebastião do Paraíso, Minas Gerais. Data collection was based on three levels of interpretation of ritual symbols proposed by Victor Turner (1974). These are: (1) Exegetical, (2) Operational and (3) Positional. The first level was approached by oral history, documentary analysis by the second and third through participant observation. The results showed that the debutante ball is still recognized as a rite of passage, though its meaning was reframed due to changes in the society. The comparative approach between the dances of the two cities, it is concluded that there are more similarities than differences.

Key-words: Ritual. Consumption. Culture. Debutante ball.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Classificação dos Ritos de Genep	32
Figura 2: Pontos de investigação	49
Figura 3: Triangulação dos dados obtidos	56
Figura 4: Entrevistados do Núcleo 1	60
Figura 5: Entrevistados do Núcleo 2	61
Figura 6: Entrevistados do Núcleo 3	62
Figura 7: Entrevistados do Núcleo 4	63
Figura 8: Entrevistados do Núcleo 5	64
Figura 9: Entrevistados do Núcleo 6	65
figura 10: Bolo de debutante E2 - São Sebastião do Paraíso-MG	68
Figura 11: Bolo de debutante E5 - Maringá-PR.	69
Figura 12: Primeiro vestido de E4	71
Figura 13: Segundo vestido de E3	71
Figura 14: Terceiro vestido de E4	72
Figura 15: Troca de sapato no Cerimonial do Baile de E5	73
Figura 16: DJ com a debutante E2	75
Figura 17: Copo dado na festa de E4	76
Figura 18: Almofadas da festa de E3	77
Figura 19: Chinelo da festa de E6	77
Figura 20: Mesa de lembrancinhas de E2 (pães-de-mel)	77
Figura 21: Mesa de lembrancinhas de E5 (chaveiro de um sapato de cristal)	78
Figura 22: A boneca entregue na festa de E5.....	82
Figura 23: Pulseira individual de entrada da festa de E2	83
Figura 24: Caderno de recados de E2	84
Figura 25: Quadro de recados de E3	84
Figura 26: Joias entregues a E5 pelas avós na festa	85
Figura 27: Anel entregue a E2 pelos pais na festa	86
Figura 28: Roteiro das festas de 15 anos	86
Figura 29: Comentários da festa de debutantes de E3 no facebook	93
Figura 30: Comentários da festa de debutantes de E4 no facebook	94

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Resumos dos Tipos de Rituais de McCracken	34
Quadro 2: Níveis de interpretação e métodos de coletas de dados	46
Quadro 3: Identificação dos possíveis entrevistados	50
Quadro 4: Roteiro para análise documental	51
Quadro 5: Roteiro da observação participante	52
Quadro 6: Perfil das debutantes	58
Quadro 7: Categorias de análise – elementos do ritual	66
Quadro 8: Categorias de análise – significados da festa	66
Quadro 9: Núcleos	78

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 TEMA	17
1.2 PROBLEMA.....	17
1.3 OBJETIVOS	17
1.3.1 Objetivo Geral	18
1.3.2 Objetivos Específicos.....	18
1.4 JUSTIFICATIVAS	18
2 REFERENCIAL TEÓRICO	24
2.1 RITUAL.....	24
2.1.1 Artefatos simbólicos	27
2.1.2 Roteiro e papéis dos agentes.....	27
2.1.3 Audiência.....	28
2.1.4 Repetição	29
2.1.5 Ritualismo no Baile de Debutantes.....	29
2.1.6 Atores no Baile de Debutantes.....	30
2.2 TIPOLOGIA DOS RITUAIS.....	31
2.2.1 Ritos de Passagem	36
2.3 CONSUMO RITUALÍSTICO	37
2.3.1 Cultura e Consumo	37
2.3.2 Significados simbólicos no uso de produtos de consumo	39
2.3.3 Ritual e consumo	40
2.3.4 Consumo no Baile de Debutantes.....	42
3 METODOLOGIA.....	42
3.1 COLETA DE DADOS	46
3.1.1 História Oral.....	47
3.1.2 Análise Documental.....	51
3.1.3 Observação participante.....	52
3.2 ANÁLISE DOS DADOS.....	53
3.3 VALIDADE E CONFIABILIDADE	54

3.4 OBSERVAÇÕES SOBRE O CAMPO.....	56
4 ANÁLISE DOS DADOS.....	58
4.1 A COLETA DOS DADOS.....	58
4.2 CATEGORIAS DE ANÁLISE.....	66
4.3 A ANÁLISE DA CATEGORIA RITUAL E SEUS ELEMENTOS.....	67
4.3.1 Artefatos simbólicos.....	67
4.3.1.1 Bolo.....	67
4.3.1.2 Vestimenta	
(Vestido/Sapato).....	70
4.3.1.3 Espaço da Festa (Salão, Buffet, Decoração – Telão, Clipe e Fotos)....	73
4.3.1.4 DJ/Banda.....	75
4.3.1.5 Lembrancinhas.....	75
4.3.1.6 Príncipe.....	78
4.3.1.7 Dança (Valsa/Coreografia/15 Casais).....	81
4.3.1.8 Boneca.....	82
4.3.1.9 Convite.....	83
4.3.1.10 Caderno/Quadro de Recados.....	83
4.3.1.11 Presentes (Joia).....	85
4.3.2 Roteiro.....	86
4.3.2.1 Sequência de Ações da Festa.....	86
4.3.2.2 Sequência de Ações do Cerimonial.....	88
4.3.3 Papéis dos agentes.....	89
4.3.3.1 Função da debutante.....	89
4.3.3.2 Função do pai.....	89
4.3.3.3 Função do príncipe.....	90
4.3.3.4 Função de outros agentes.....	90
4.3.4 Audiência.....	91
4.3.4.1 Reação dos Convidados no Cerimonial.....	91
4.3.4.2 Recados Deixados Pelos Convidados.....	92
4.3.4.3 Comentários Posteriores à Festa.....	92
4.3.4.4 Vestimenta dos Convidados.....	95
4.3.4.5 Motivos dos Convidados Para Irem à Festa.....	96
4.3.4.6 “Bicões” – pessoas não convidadas.....	97
4.3.5 Repetição.....	97
4.3.5.1 O Que Repete em Todas as Festas.....	98
4.3.5.2 O Que Mudou das Festas de Antigamente Para as Festas Atuais.....	98
4.4 A ANÁLISE DA CATEGORIA SIGNIFICADOS DA FESTA.....	100
4.4.1 Rito de passagem para a debutante, para os pais, para os convidados.	100
4.4.2 Status por Meio do Consumo (Gastos na Festa).....	101
4.4.3 Questões Sociais.....	102
4.5 A ANÁLISE DA CATEGORIA MOTIVAÇÕES PARA A REALIZAÇÃO DA FESTA.....	102
5 CONCLUSÕES.....	104

5.1 LIMITAÇÕES DA PESQUISA.....	105
5.2 SUGESTÕES PARA PESQUISAS.....	106
REFERÊNCIAS	107

1 INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea é constantemente ligada à ideia de consumo. Isso se dá porque as sociedades humanas consomem para poderem se reproduzir física e socialmente, através da manipulação de artefatos e objetos da cultura material para fins simbólicos de diferenciação, atribuição de status, pertencimento e gratificação individual (BARBOSA, 2010).

Nessa vertente, fica clara a intensidade da relação atual entre cultura e consumo. “Os bens de consumo nos quais o consumidor desperdiça tempo, atenção e renda são carregados de significado cultural. Os consumidores utilizam esse significado com propósitos totalmente culturais” (MCCRACKEN, 2007, p. 11). Slater (2002) afirma que o uso dos bens permite a organização das relações sociais, classificando pessoas e eventos:

Com o uso dos bens, podemos construir e manter um universo social inteligível, uma vez que ao classificar, comparar e ordenar as coisas que temos e usamos, damos sentido e organizamos nossas relações sociais, classificando pessoas e eventos (SLATER, 2002, p. 148).

Sassatelli (2007) diz que os produtos funcionam como um sistema de comunicação não-verbal e são colocados em uso para marcar as fronteiras sociais e culturais.

A partir dessa perspectiva de distinção dos indivíduos e grupos a partir do consumo de bens, Slater (2002, p. 147) comenta que “os bens e os rituais tornam a ordem social tanto visível quanto eficiente: de certo modo, os tipos de consumo são como um mapa da ordem social, com o qual é possível identificar as classificações e categorias que a constituem”. Ou seja, o fluxo de bens através dos rituais de consumo mapeia e consolida as redes complexas das relações sociais.

Os rituais de consumo, assim como as convenções de uso, consolidam os significados sociais dos bens e instituem definições públicas visíveis (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2002). O ritual é um tipo de ação social na qual há a manipulação de significado cultural para propósitos de comunicação e categorização coletiva e individual (MCCRACKEN, 2007). Dessa forma, o ritual é uma poderosa ferramenta de transferência de significado do consumidor para o bem. Rook (2007, p. 83) define ritual nos seguintes termos:

O termo ritual refere-se a um tipo de atividade expressiva e simbólica construída de múltiplos comportamentos que se dão numa seqüência fixa e episódica e tendem a se repetir com o passar do tempo. O comportamento ritual roteirizado é representado dramaticamente e realizado com formalidade, seriedade e intensidade interna.

Para se constituir um ritual, é necessária a verificação de certos elementos. De acordo com Rook (2007), esses seriam quatro: artefatos simbólicos, roteiro, papéis dos agentes e audiência (platéia). Todavia, há um elemento de grande importância para a caracterização do ritual advindo da sua própria definição, que é a repetição.

O objeto de pesquisa estudado foi o baile de debutantes. No Brasil, este evento é comumente conhecido como “festa de 15 anos”. A atenção do estudo a esse objeto deu-se pelo fato de identificação deste como consumo ritualístico, sendo que o mercado de baile de debutantes encontra-se efervescido. O mercado de eventos e festas, de acordo com a Associação Brasileira de Empresas de Eventos (ABEOC, 2012), somente no ano de 2010, movimentou mais de R\$ 30 bilhões. O setor agrega dezenas de lojas para locação e venda de roupas de gala, além de cabeleireiros, maquiadores, fotógrafos, cinegrafistas, DJs, serviço de bufê, floriculturas, casas de festas adultas e infantis, motoristas e seguranças, entre outros prestadores de serviços (ABEOC, 2012). Uma reportagem da revista “Isto É Dinheiro” informa que jovens por todo o Brasil comemoram seus quinze anos e chegam a gastar o valor de um carro médio para realizar seu sonho. “Estima-se que dos R\$ 8 bilhões negociados pelo setor anualmente, R\$ 1 bilhão venha dos cerca de 50 mil bailes de debutante” (ISTO É DINHEIRO, 2007).

A lista de rituais relacionada ao consumo é grande. Ela inclui ritos¹ de passagem (por exemplo, casamentos, chás de bebês, funerais, baile de debutantes), cerimônias religiosas e feriados (por exemplo, Natal e Dia de Ação de Graças no EUA), atividades familiares (por exemplo, assistir à televisão em determinados horários, como os telejornais ou as novelas, férias de verão e almoço de domingo) e rituais públicos em grande escala (cantar o hino nacional e assistir a desfiles e eventos esportivos, como as Olimpíadas e a Copa do Mundo) (MOWEN; MINOR, 2003).

O baile de debutantes enquadra-se como “rito de passagem”. Este é usado para mover o indivíduo de uma categoria cultural de pessoa para outra, e deste modo um conjunto de simbolismos são abandonados, enquanto outros são apropriados

¹ Nesse estudo, a palavra rito será sinônimo de ritual. Isso se dá porque muitos autores (MCCRACKEN, 2007; ULMANN, 1991; MOWEN, MINOR, 2003; ROOK, 2007; BARBOZA, SILVA, AYROSA, 2011) utilizam esses termos com a mesma conotação.

(MCCRACKEN, 2007). “Os grandes ritos de passagem, como formaturas e casamentos, marcam importantes transições de *status* social e estimulam grande envolvimento psicológico e forte ansiedade” (ROOK, 2007, p. 83). O baile de debutantes é um mecanismo simbólico para refletir a mudança permanente da infância para a adolescência para as mulheres jovens (ESCALAS, 1993).

Para compreender melhor esse ritual de consumo, além das debutantes, o estudo também se pautou nos outros atores do baile, como a família e os amigos, principalmente aqueles citados pelas moças como primordiais para a realização da festa. Isso se dá para uma melhor compreensão do evento como um todo e para reconstituir de forma fidedigna a história oral das debutantes quanto a este consumo ritualístico.

A fim de enriquecer o entendimento acerca do objeto de estudo, foram averiguadas a história oral de debutantes de Maringá-PR e de São Sebastião do Paraíso-MG. Essas cidades possuem diferenças significativas, como o tamanho evidenciado pelo número de habitantes, os estados da federação onde se localizam, o foco econômico, entre outras.

A coleta de dados foi baseada nos três níveis de interpretação dos símbolos rituais propostos por Victor Turner (1974). Estes são: (1) Exegético, (2) Operacional e (3) Posicional. O primeiro nível foi abordado pela história oral, o segundo pela análise documental e o terceiro por meio da observação participante.

1.1 TEMA

O consumo ritualístico do baile de debutantes.

1.2 PROBLEMA

Qual o significado do consumo ritualístico dos bailes de debutantes?

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

- Compreender o significado do consumo ritualístico dos bailes de debutantes.

1.3.2 Objetivos Específicos

- Apontar quais são os artefatos simbólicos presentes nos bailes de debutantes e seus significados;
- Descrever o roteiro dos bailes de debutantes;
- Identificar quem são os principais atores do baile de debutantes e qual seu papel no ritual;
- Analisar comparativamente o consumo ritualístico dos bailes de debutantes nas cidades de Maringá-PR e de São Sebastião do Paraíso-MG.
- Identificar o significado do consumo dos bailes de debutante contemporâneos.

1.4 JUSTIFICATIVAS

Muitas sociedades têm rituais para sinalizar a transição dos jovens para a vida adulta. São os chamados ritos de passagem da puberdade. Esse período constitui uma fase turbulenta, daí a existência de ritos todos especiais, extensivos aos rapazes e às moças (ULMANN, 1991).

[...] convém sublinhar que o significado dos ritos de passagem do nascimento e da puberdade é conduzir os jovens para a dimensão do sagrado, do mito, da história e, ao mesmo tempo, conscientizá-los de suas responsabilidades no estágio de vida que se entreabre diante deles. Esses ritos de iniciação marcam o fim de uma etapa da existência e o começo de outra, totalmente nova (ULMANN, 1991, p. 152).

O significado do baile de debutantes é a passagem das meninas da infância para a adolescência. É considerada como um rito de passagem, por isso da valsa com o

pai e dos outros simbolismos, como a troca de vestidos, o uso de vestido branco² e a joia como presente, estes servem para demonstrar que o pai está apresentando a filha para a sociedade, pois agora ela já possui idade para se relacionar com o mundo. A menina sai da esfera doméstica, na qual se encontrava, pois era criança, e entra para a esfera pública, já que agora é uma moça.

Esse é o significado da festa desde que surgiu o conceito na Inglaterra, na segunda metade do século 16. Nessa época, durante o reinado da rainha Elizabeth I, havia o costume de apresentar formalmente jovens elegíveis na corte. Três séculos mais tarde, a rainha Vitória deu à cerimônia a sua forma atual, com as meninas vestidas de branco e o arco oficial chamado de “reverência”. Na época vitoriana, as jovens eram mantidas reclusas em casa até a idade de 18 anos. Sua apresentação à sociedade significava que elas foram formalmente autorizadas a serem vistas em público e com um homem (ESCALAS, 1993).

Em países como a França, a Inglaterra, a Alemanha e a Áustria, as famílias da nobreza realizavam um grande baile para a sociedade da época, tendo como objetivo principal mostrar que sua filha estava se tornando uma mulher. A própria origem da palavra francesa *début* significa estréia, início. Na realidade, a função do baile também era atrair possíveis pretendentes para a moça. Desta forma, mostrar que ela já não era mais criança significava dizer aos homens que ela estava pronta para ser uma boa esposa e mãe. Para aquele estilo de sociedade, o importante não era o romantismo, e sim a aliança entre famílias da nobreza. As danças executadas em cada lugar onde a debutante era apresentada variavam de acordo com os costumes locais. Contudo, a valsa se tornou uma espécie de dança oficial de eventos sociais (DEBUTANTE..., 2007).

Essa tradição da nobreza de apresentar a filha para a sociedade se manteve com as famílias burguesas após a Revolução Francesa de 1789, e chegou com toda a força aos países colonizados, como Estados Unidos e Brasil (DEBUTANTE..., 2007). Nos Estados Unidos, o ritual simbolizava a riqueza da família, mas outra dimensão surgiu no empobrecido sul no pós-guerra civil: uma ênfase aos que haviam sido de família rica antes da guerra. Assim, além do significado da idade núbil das moças, os bailes de debutantes representavam a riqueza da família e o status social (ESCALAS, 1993).

² Em muitas culturas, aspectos como impecável e imaculado associados ao branco se relacionam com virgens e divindades. A cultura ocidental de usar um vestido de casamento branco tem origens clássicas: virgens em Roma usavam branco para simbolizar sua inocência, sabedoria e pureza (ESCALAS, 1993).

Como dito, historicamente, o baile dava início a uma série de novos comportamentos para as meninas, como o namoro e o casamento. A identidade das mulheres como adultas e suas relações com os homens mudavam drasticamente após o baile. Nos tempos atuais, no entanto, a vida das jovens mulheres muda de forma diferente após essa experiência ritualizada. Normalmente, as moças já namoraram ou deram o primeiro beijo. Além disso, as jovens mulheres já se consideram mulheres e não mais crianças antes do baile de debutantes. Existem atualmente outros símbolos de passagem considerados mais significativos como poder dirigir e beber legalmente após os 18 anos. Dada essa perda de significado do ritual, seria de se esperar que a participação em bailes de debutantes se estagnasse. Todavia, nos Estados Unidos, o número de debutantes a partir da década de 80 aumentou de forma intensa (idem, *ibidem*). Devido a isso, o presente estudo tem como fim, a partir das memórias das entrevistadas, identificar e compreender o significado dos bailes de debutantes na contemporaneidade já que no Brasil assim como nos Estados Unidos, apesar da sociedade atual reconhecer o baile de debutantes como um rito de passagem, não há um consenso sobre o significado do simbolismo presente neste ritual.

No Brasil, o baile de debutantes é comumente conhecido como “festa de 15 anos”. A passagem da infância para a adolescência é marcada pela puberdade física. “Nas moças a puberdade física é marcada pelo entumescimento dos seios, o alargamento da bacia, o aparecimento de pelos no púbis e sobretudo pelo primeiro fluxo menstrual”(GENNEP, 2011, p. 72). Parece, portanto, simples datar desse momento a passagem da infância para a adolescência. Como a maioria das meninas tem sua primeira menstruação até os 15 anos, entende-se o porquê da festa acontecer nessa idade.

A festa se tornou extremamente popular no Brasil na década de 50 do século XX. Para economizar, as famílias passaram a realizar festas em conjunto nos clubes. Em um só dia, várias meninas eram apresentadas à sociedade, gerando até colunas sociais sobre quem era a mais bonita ou a mais simpática. Em 2007, a maioria dos bailes volta a ser realizada com apenas uma menina. Na década de 80, as meninas passaram a preferir presentes ou viagens no lugar da festa (DEBUTANTE..., 2007).

Dito isso, o estudo tem sua importância pelo fato de analisar uma de muitas experiências ritualísticas que permeiam o comportamento humano no que tange ao consumo. A partir daí pode-se delimitar elementos em comum entre os rituais, classificando-os, permitindo assim uma melhor observação dos comportamentos quanto

à integração das pessoas com os artefatos envolvidos nos ritos, já que esses são uma poderosa ferramenta de transferência de significado do consumidor para o bem.

Apesar da enorme variedade de experiências rituais, ainda é possível classificar os rituais em termos de suas origens comportamentais e observar elementos em comum entre rituais de tipos muito diferentes (ROOK, 2007, p. 82).

A falta de pesquisa acadêmica acerca dos rituais também é um forte impulso para este estudo:

Apesar das diversas experiências rituais existentes, sendo estas abrangentes e plenas de significado, a pesquisa sobre o consumidor tem falhado em reconhecer esse amplo domínio comportamental (loc. cit.).

A escolha do baile de debutantes se deu pelo fato de que a cultura e o consequente uso de bens para representar e comunicar significados culturais está em constante mudança (MOWEN; MINOR, 2003; DOUGLAS; ISHERWOOD, 2002). Dessa forma, em meio a bailes funks, pagode, permissividade e liberdade dos pais para com os filhos, na atualidade, o baile de debutantes se tornou uma incógnita, já que as festas que significavam uma fase de transição de menina a mulher na vida da adolescente, hoje parece ter como principal foco a diversão. “Um ritual é uma série simbólica de ações que ligam as pessoas ao bem material” (MOWEN; MINOR, 2003, p. 299). Outro importante ponto para a realização dessa averiguação acadêmica é o fato de poder compreender melhor o mercado de baile de debutantes a partir da análise do comportamento dos consumidores:

O extenso envolvimento dos consumidores com rituais desafiam os pesquisadores a conceituar e investigar de novas maneiras os comportamentos no mercado (loc. cit.).

Escalas (1993) em estudo durante a década de 90 identificou que os bailes de debutantes representavam um mecanismo simbólico para refletir a mudança permanente da infância para a adolescência para as mulheres jovens. Na presente pesquisa objetivou-se compreender este ritual de consumo analisando seus elementos componentes, e significados na atualidade em duas cidades Maringá-PR e São Sebastião do Paraíso-MG.

O único estudo feito acerca dos bailes de debutantes foi este realizado em 1993 por Escalas (1993), sendo que somente foram abordados os bailes que ocorriam nos Estados Unidos. Assim, a pesquisa realizada contribui para o entendimento desse fenômeno social no Brasil.

O tema da dimensão ritualística do consumo parece não ter conquistado ainda espaço relevante nos estudos de consumo identificados principalmente nas pesquisas nacionais (CUPOLLILO; CASOTTI, CAMPOS, 2013). Dessa maneira, é de grande relevância essa pesquisa, pois contribui para um campo teórico ainda pouco explorado nacionalmente.

Ainda, a coleta de dados realizada por meio dos três níveis de interpretação elaborados por Victor Turner (1975) é uma ótima proposta para se estudar os rituais de consumo, já que permite abarcar todos os aspectos ritualísticos.

Do ponto de vista mercadológico, os bailes de debutantes movimentam grandes quantias monetárias no mercado. Uma reportagem no site G1 (globo.com) menciona que “pais gastam entre R\$ 15 mil e R\$ 90 mil em festas de debutantes” (G1, 2008).

A análise comparativa foi realizada nesse estudo entre a cidade mineira e a paranaense, a comparação social tem permitido entender os mais diversos tipos de fenômenos sociais (MARTIN; KENNEDY, 1994).

As cidades estudadas possuem diferenças, como o tamanho evidenciado pelo número de habitantes, os estados da federação onde se localizam, o foco econômico, entre outras o que incita a curiosidade sobre a existência de similaridades ou divergências na realização dos bailes de debutantes. São Sebastião do Paraíso localiza-se em Minas Gerais, possui uma população de 64.980 habitantes de acordo com o Censo de 2010, foi fundada em 1821, sendo elevada à Cidade em 1873. Tradicionalmente ligada ao campo, nos últimos anos a economia do município tem se diversificado também no setor de serviços, comércio e indústria. No setor agropecuário destaca-se a produção cafeeira, responsável por boa parte da produção nacional de cafés finos, produção esta que chega a 78% do café produzido no município e exportado para os países de maior exigência em qualidade como: Japão e Itália (INSTITUTO..., 2012). Já Maringá localiza-se no Paraná, possui uma população de 357.077 habitantes conforme Censo de 2010, foi fundada em 1947, sendo elevada à Cidade em 1951. Surgida no período de ouro do ciclo do café, Maringá hoje, apresenta diversificada produção agrícola, composta de soja, algodão, milho, cana-de-açúcar e trigo, sendo também grande produtora do bicho-da-seda. Os setores industriais de mais destaque são: alimentação, confecção, agroindústria, metal-mecânico e outros (INSTITUTO..., 2012).

Essas diferenças são de grande valia para o foco do presente estudo, isto porque pretendeu-se identificar se essas diferenças socioculturais entre municípios díspares impactam no consumo ritualístico dos bailes de debutantes.

Assim, justifica-se o estudo do baile de debutantes como forma de compreender as mudanças dessa experiência ritualística a fim de descobrir as nuances culturais que influenciaram esse ritual ainda tão importante na sociedade atual e de que forma as pessoas se comportam atualmente quanto aos significados dos bens de consumo que permeiam os bailes de debutantes.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico do estudo foi dividido em três seções. Primeiramente será estudado o ritual e seus componentes essenciais: artefatos simbólicos, roteiro, papéis dos agentes, audiência (platéia) e repetição. A segunda seção tratará da tipologia dos rituais, enfatizando o rito de passagem, objeto desse estudo. Na terceira seção, será levantada a questão do consumo ritualístico, no qual será averiguado o significado simbólico do consumo dos artefatos.

2.1 RITUAL

Nessa seção será apresentada a definição de ritual a partir dos seus componentes essenciais, quais sejam: artefatos simbólicos, roteiro, papéis dos agentes, audiência (plateia) e repetição.

A construção ritual oferece um grande potencial para interpretar muitos aspectos dos fenômenos de consumo. Isso se dá porque o ritual é um marco conceitual que oferece informações valiosas sobre as experiências de vida dos consumidores e os tipos de significados simbólicos que investem no uso de produtos de consumo (TETREAULT; KLEINE III, 1990). Daí advém o interesse desse estudo: compreender e analisar o baile de debutantes enquanto ritual de consumo, permitindo assim uma melhor ponderação da relação dos consumidores com o simbolismo existente nos bens de consumo presentes no ritual.

Nesse ponto, é importante definir ritual, já que a partir do seu conceito será possível caracterizar o baile de debutantes como experiência ritualística.

Primeiramente, é analisada a definição de ritual a partir de três vertentes: 1- ritual como comportamento referenciando o sagrado; 2- ritual como comportamento expressivo simbólico; e, 3- ritual como a intersecção de traços comportamentais (HOLT, 1992).

A primeira vertente surgiu como um termo descritivo em antropologia cultural para citar algumas formas expressivas de comportamento nas quais são referenciados

fatos cosmológicos e mágicos (idem, ibidem). Dentro dessa linha de pensamento, estão as definições de Turner e Durkheim.

Pépece (2009, p. 15) traz o conceito de ritual proposta por Turner, em 1975, “definindo o ritual como um comportamento formal prescrito por ocasiões determinadas por rotinas não tecnológicas, e que tem referências em crenças e seres ou poderes místicos”. Nessa vertente, Durkheim (1968, p.56) considera os ritos como “regras de conduta que prescrevem como o homem deve se comportar em relação às coisas sagradas”. Para ele, o rito constituiria uma expressão simbólica dos valores fundamentais que unificam os membros de uma sociedade.

A segunda vertente define ritual como a dimensão do comportamento que auxilia na comunicação de significado sócio-cultural. Por exemplo, o ritual pode manter, transmitir ou manipular significado. Assim, o rito descreve os aspectos do comportamento humano envolvendo a ação simbólica como forma de distinção do foco no conteúdo simbólico dos objetos (HOLT, 1992). Autores como McCracken (2007) e Douglas & Isherwood (2002) estudaram o ritual por esta vertente. McCracken (2007) trata o ritual como uma ação simbólica, conceituando-a como um tipo de ação social dedicada à manipulação do significado cultural, para propósitos de comunicação e categorização coletiva e individual. “O ritual é uma oportunidade para afirmar, evocar, assinalar ou revisar os símbolos e significados convencionais da ordem cultural. O ritual é, nesta medida, uma poderosa e versátil ferramenta para a manipulação do significado cultural” (MCCRACKEN, 2007, p. 114).

Para Douglas e Isherwood (2002), o termo ritual é frequentemente sinônimo de símbolo e nesta acepção pode-se classificar gestos do cotidiano, sob a condição de significarem algo diferente daquilo que são ou fazem. O rito existe onde se produz sentido.

A terceira vertente do conceito de rito é definida como uma classe de análise do comportamento simbólico-expressivo, demonstrando certas qualidades como a normalização, intencionalidade, formalidade, repetitividade, o drama, a variação (no tempo e no espaço), sequências do roteiro, e promulgação do grupo. Através dessa combinação de traços, o ritual é diferenciado da gama de comportamentos, tais como hábitos, costumes e convenções (HOLT, 1992). Como exemplo dessa vertente, pode-se citar a definição de Rivière e Rook.

Rivière (1996) conceitua inicialmente os ritos como um conjunto de condutas individuais ou coletivas, relativamente codificadas, com um suporte corporal, com caráter mais ou menos repetitivo e forte carga simbólica para seus atores, sendo que o é também para suas testemunhas. Isso se dá através de uma adesão mental, eventualmente não conscientizada, a valores relativos a escolhas sociais julgadas importantes e cuja eficácia esperada não depende de uma lógica puramente empírica que se esgotaria “na instrumentalidade técnica do elo causa-efeito” (RIVIÈRE, 1996, p. 30).

Rook (2007, p. 83) define ritual nos seguintes termos:

O termo ritual refere-se a um tipo de atividade expressiva e simbólica construída de múltiplos comportamentos que se dão numa seqüência fixa e episódica e tendem a se repetir com o passar do tempo. O comportamento ritual roteirizado é representado dramaticamente e realizado com formalidade, seriedade e intensidade interna.

Para Rook (2007), os rituais são compostos por quatro elementos. 1- artefatos simbólicos; 2- roteiro; 3- papéis dos agentes; e, 4- audiência. Outro elemento não citado por Rook, mas que advém da própria definição dada pelo autor é a repetição. Para ser caracterizado como experiência ritualística, é necessária a verificação de todos esses elementos em conjunto.

O primeiro elemento, qual seja artefatos simbólicos, determina que todo ritual requer a utilização de objetos impregnados de significados simbólicos. O roteiro determina que as ações na experiência ritualística devem ser programadas e sistematizadas, tendo necessariamente um começo, meio e o fim desejado. Rejeita-se aqui a ideia de improvisação. Em uma missa, por exemplo, o momento da consagração ocorre depois da leitura do evangelho, e nunca ao contrário.

O terceiro elemento diz respeito à participação de várias pessoas no ritual (tanto aquelas que representam os papéis principais dentro do rito quanto aquelas que somente assistem), sendo que o roteiro e um ritual é realizado por pessoas que ocupam diversos papéis rituais, ou seja, os papéis dos agentes são roteirizados. Em um casamento, por exemplo, é sempre o pai que entra com a noiva, aliás é a noiva que se dirige ao noivo e não o contrário.

O quarto elemento refere-se à existência de audiência, ou seja, de outras pessoas, mesmo sendo apenas expectadoras e não participantes do ritual, que o reconheçam como tal.

A repetição, que é o último elemento, trata da seqüência de eventos que ocorre várias vezes ao longo do tempo.

2.1.1 Artefatos simbólicos

A textura complexa do simbolismo dos artefatos simbólicos é de vital interesse na análise antropológica do ritual. O uso dos artefatos no ritual tem como função dar suporte ao ritual no tempo e no espaço, como também indicar a inclusão social/exclusividade entre os atores rituais (TETREAULT; KLEINE III, 1990).

Os artefatos simbólicos quando no contexto ritualístico, comunicam mensagens simbólicas específicas que integram o significado da experiência como um todo. Servem, também e mais genericamente, como símbolos rituais na forma mitológica de caracteres, ícones, logomarcas ou cores significativas. Além disso, os artefatos rituais muitas vezes assumem a forma de produtos de consumo que acompanham um ambiente ritual ou são nele consumidos (ROOK, 2007), como o vestido de noiva e a aliança em um casamento.

2.1.2 Roteiro e papéis dos agentes

Os comportamentos ritualísticos são “roteirizados” para que sejam formais e prescritos por convenções e, em muitos casos, envolvem o consumo e o uso de produtos. O comportamento ritual é roteirizado e representado como se fosse uma peça de teatro e é desempenhado com formalidade, seriedade e intensidade interior (MOWEN; MINOR, 2003). Um roteiro do ritual orienta o uso dos diversos materiais artefatuais. O roteiro de um ritual prescreve um paradigma de consumo que pode incluir uso extensivo ou relativamente limitado de produtos (ROOK, 2007).

O roteiro identifica não só os artefatos a serem usados, mas também sua seqüência comportamental e quem deve usá-los. É nesse sentido que surge o elemento dos papéis dos agentes. Um roteiro de ritual é realizado por pessoas que ocupam diversos papéis rituais. Por vezes, o papel ritual de uma pessoa é explicitamente

roteirizado, como em cerimônias de casamento, formatura e bailes de debutantes (idem *ibidem*).

2.1.3 Audiência

Quanto à audiência (platéia) presente na experiência ritualística, essa é justamente o elemento que mais diferencia o ritual de um hábito (ROOK, 2007). Um ritual é uma experiência maior e plural, enquanto os hábitos tendem a ser comportamentos singulares. Portanto, a platéia presente no ritual o identifica como ação social coletiva e complexa.

Rook (2007) destaca que os rituais têm certa sobreposição com os hábitos, mas lembra que nem todos os hábitos são rituais e nem todos os rituais são necessariamente habituais. A diferença, segundo o autor, é que os rituais são experiências maiores e plurais. Outra distinção está no fato de que os rituais exigem certa roteirização dramática, com começo, meio e fim, mesmo no nível mais mundano. Diferentemente dos hábitos, os rituais têm capacidade de incluir ou excluir pessoas da família ou da comunidade e são capazes de desencadear uma resposta comportamental imediata (SUAREZ, 2011).

Nesse mesma vertente de diferenciação de hábitos e rituais, Mowen e Minor (2003) dizem que há três critérios para diferenciá-los. Primeiramente, os rituais são prescritos pela sociedade e não pelo indivíduo. Em segundo lugar, as pessoas são mais conscientes quanto ao que acontece em um ritual do que quanto ao que acontece com o hábito. Em terceiro, os rituais têm significado simbólico maior do que os hábitos e carregam maiores relações afetivas. Dessa forma, aqui também fica clara a importância da audiência para o ritual, já que para ser prescrito pela sociedade, as pessoas precisam estar mais conscientes do que ocorre, ou seja, do roteiro, e ter maior carga simbólica e afetiva envolvida, além de necessariamente participarem do ritual.

Em outras palavras, Tetreault e Kleine III (1990) também diferenciam hábitos e rituais. Segundo os autores, os hábitos são comportamentos rotineiros. Eles se diferenciam dos rituais na medida em que seus roteiros de ação podem ser criados pelo consumidor individual ou determinados através de normas sociais. Outra distinção estaria no nível de envolvimento com a atividade, a importância dada ao ato, seu nível

de processamento consciente. Dentro de um contínuo, o hábito teria baixo nível de envolvimento ou processamento consciente enquanto que o ritual exige certo nível de atenção e consciência na sua performance. Rituais teriam força expressiva, ou seja, são eminentemente simbólicos, com propriedades que comunicam uma rede extensa de significados. Já os hábitos teriam mensagens mais circunscritas. Por fim, uma outra distinção estaria na capacidade de permanência: rituais tendem a se manter em bases mais perenes enquanto que os hábitos podem se extinguir quando não mais atendem às necessidades funcionais e simbólicas que motivaram sua existência (SUAREZ, 2011).

2.1.4 Repetição

O último elemento do comportamento ritual é a repetição. Trata-se da sequência de eventos ao longo do tempo. “Um ritual tende a se realizar da mesma maneira a cada vez que é observado, de maneira que os eventos rituais funcionam como dispositivos mnemônicos que trazem à tona pensamentos e sentimentos específicos no indivíduo” (ROOK, 2007, p. 83).

O elemento da repetição assim como nos rituais, também aparece nos hábitos. Estes igualmente são repetitivos, duradouros e podem ter intensidade interior. Por exemplo, a maioria das pessoas tem uma sequência de ações que realiza para ir de casa para o trabalho ou para a escola (MOWEN; MINOR, 2003). Essas sequências de ações, contudo, são consideradas hábitos e não rituais, porque não são prescritas pela sociedade e sim pelo indivíduo, as pessoas não estão tão conscientes dessas ações como estariam em um ritual e, por fim, o significado simbólico e afetivo do ritual é muito mais marcante do que essas simples sequências de ações.

2.1.5 Ritualismo no Baile de Debutantes

Rook (2007) especifica quatro componentes tangíveis para experiências rituais: artefatos simbólicos, roteiro, papéis dos agentes e audiência. O baile de debutantes possui todos os quatro componentes mencionados. O artefato simbólico principal para o baile de debutantes é o vestido longo, normalmente branco ou de cor clara,

simbolizando a pureza da menina entrando na vida adulta e a interação com o sexo oposto pela primeira vez (ESCALAS, 1993). Pode-se mencionar vários outros artefatos, como a valsa, a joia, as quinze velas, entre outros.

Em termos de desempenho dos papéis rituais, o comportamento das debutantes é altamente roteirizado. Elas trocam de vestido à meia-noite, entram na pista de dança, reverenciam os convidados e dançam a primeira valsa com o pai. Elas desempenham o papel de mulheres jovens protegidas sendo introduzidas para a sociedade pela primeira vez (idem, ibidem). Nota-se também que o pai tem seu papel bem delineado no roteiro do baile de debutantes dançando a primeira valsa com a filha.

No que diz respeito à audiência, o público do baile de debutantes é duplo. A audiência imediata consiste de pessoas assistindo a cerimônia, ou seja, a família da debutante e os amigos. Em maior escala, a audiência é a própria sociedade, que presencia a entrada da menina para o mundo adulto (id., ibid.).

Na seção referente ao ritual, também foi citado outro componente do comportamento ritualístico, que é a repetição. “Um ritual tende a se realizar da mesma maneira a cada vez que é observado” (ROOK, 2007, p. 83). Quando se falou do roteiro a ser seguido pela debutante e pelo pai, já ficou claro a questão da repetição, já que se pode ter a ideia de tradição, de antigo (no sentido de conservador), de rotina, ou seja, de que o baile já acontece da mesma forma há anos, enfim, que se repete no tempo.

2.1.6 Atores no Baile de Debutantes

É importante salientar a importância dos atores no ritual do baile de debutantes. O roteiro identifica não só os artefatos a serem usados, mas também sua seqüência comportamental e quem deve usá-los (ROOK, 2007). No caso do baile, é evidente que é a debutante quem usa o vestido e é o pai quem dança a primeira valsa, e não o irmão ou namorado (ESCALAS, 1993). Ou seja, o roteiro da festa indica claramente quais artefatos serão utilizados e quem os usará.

Escalas (1993) menciona sobre seu estudo acerca dos bailes de debutantes que as meninas entrevistadas mencionavam que realizavam a festa como forma de agradar e obedecer os pais, torná-los felizes. Assim, além do papel bem claro e definido do pai, a

mãe também é um ator de grande relevância para o baile de debutantes, já que as filhas participam do ritual para agradá-las, sendo que é normalmente a mãe que se incumbem de organizar todo o evento.

Também foi mencionado por Escalas (1993) que as meninas recebem atenção de toda a família durante o evento, assim como os amigos da família e os amigos da debutante. Dessa forma, estes também são atores de grande importância para o ritual, pois é por meio deles que se concretiza um dos elementos da experiência ritualística: a audiência.

Dito isso, justifica-se assim o porquê de que além das debutantes, o estudo também se pautará nos outros atores do baile, como a família e os amigos, principalmente aqueles citados pelas moças como primordiais para a realização da festa. Isso se dá para uma melhor compreensão do evento como um todo e para reconstituir de forma fidedigna a história de vida das debutantes quanto a este consumo ritualístico.

2.2 TIPOLOGIA DOS RITUAIS

Apesar de haverem características intrínsecas aos rituais como um todo, existem vários tipos de experiências ritualísticas. Assim, nessa seção serão tratadas as classificações feitas quanto à similaridade dos rituais.

Muitas classificações são feitas quanto aos tipos de experiências ritualísticas. Isso ocorre porque mesmo que o estudo dos ritos nesses últimos anos tenha tido grandes progressos, ainda está longe de se conhecer em todos os casos sua razão de ser e seu mecanismo, com bastante certeza para poder com segurança distribuí-los em categorias (GENNEP, 2011).

Arnold Van Gennep (2011) faz uma distinção entre os ritos. Primeiramente ele distingue duas classes de rituais: 1º) os ritos simpáticos; 2º) os ritos de contágio. A primeira classe diz respeito àqueles ritos que se fundam na crença da ação de semelhante sobre semelhante, do contrário sobre o contrário, do continente sobre o conteúdo e reciprocamente, da parte sobre o todo e reciprocamente, do simulacro sobre o objeto ou o ser real e reciprocamente, da palavra sobre o ato. A segunda classe funda-se na materialidade e na transmissibilidade, por contato ou à distância, das qualidades

naturais ou adquiridas. A título de ilustração, pode-se citar o caso de um militar que está sendo processado por um crime. No início, quando o acusado é interrogado, temos um rito de “contágio”, pois não se quer que este soldado transmita estas qualidades que lhe são naturais ou foram adquiridas para os demais integrantes das Forças Armadas. No julgamento, o rito pode ser “simpático” na atuação do semelhante sobre o semelhante quando o superior tenta passar para o acusado os princípios de disciplina e hierarquia.

Além disso, de acordo com Genep (2011), um rito pode ser direto ou indireto. Entende-se como rito direto aquele que possui uma virtude eficiente imediata, sem intervenção de um agente autônomo, por exemplo a impreciação, o feitiço, etc. Ao contrário, o rito indireto é uma espécie de choque inicial, que põe em movimento uma potência autônoma ou personificada, ou uma série inteira de potências desta ordem, por exemplo, uma divindade, que atua em proveito de quem realizou o rito, voto, oração, cultos, no sentido comum da palavra, etc.

Finalmente, Genep (2011) distingue ainda ritos positivos, que são volições traduzidas em ato, e ritos negativos. Estes são habitualmente chamados *tabus*. O tabu é uma proibição, uma ordem de “não fazer”, de “não agir”. Assim, o rito positivo corresponde à *vontade*, enquanto que o rito negativo corresponde à *não vontade*.

Figura 1: Classificação dos ritos de Genep



Outra classificação feita em relação aos rituais é a de McCracken (2007). Este autor distinguiu os diferentes ritos tratando-os como instrumentos de transferência de significado de um bem para o consumidor. Os rituais foram divididos em quatro: 1- ritual de troca; 2- ritual de posse; 3- ritual de arrumação; e, 4- ritual de despojamento.

O ritual de troca acontece especialmente no Natal e nos aniversários. Ele ocorre na escolha, na compra e na apresentação dos bens de consumo. “Frequentemente, o doador-do-presente escolhe um presente porque este possui as propriedades significativas que ele ou ela deseja ver transferidas para o receptor-do-presente” (MCCRACKEN, 2007, p. 115).

O ritual de troca de presentes estabelece um potente meio de influência interpessoal. Permite aos indivíduos insinuar certas propriedades simbólicas na vida de um receptor-de-presentes. Permite-lhes iniciar a possibilidade de transferência de significado. Em termos gerais, todos os consumidores, enquanto doadores-de-presentes, são feitos agentes de transferência de significado, à medida que distribuem seletivamente certos bens dotados de certas propriedades para recipientes que, de outra forma, poderiam ou não tê-los escolhido (loc. cit.).

Como se pode verificar, no ritual de troca há o movimento dos bens assim como o movimento de propriedades significativas.

Quanto ao ritual de posse, as pessoas despendem um bom tempo limpando, discutindo sobre, comparando, refletindo sobre, mostrando ou mesmo fotografando muitas das suas novas posses. Este é o processo de reivindicação, no qual não é uma simples asserção de territorialidade através da posse. É também uma tentativa de extrair do objeto as qualidades que lhe foram conferidas (MCCRACKEN, 2007).

Parte do significado extraído dos bens tem uma natureza perecível. Como resultado, o consumidor precisa extrair este significado de suas posses repetidamente. “No momento em que este contínuo processo de transferência de significado dos bens para o consumidor se faz necessário, o consumidor provavelmente recorrerá a um ritual de arrumação” (MCCRACKEN, 2007, p. 117).

O objetivo do ritual de arrumação é proceder às características necessárias para assegurar que aquelas propriedades especiais e perecíveis que residem em certas roupas, em certos penteados, etc, serão, por assim dizer, “insinuadas” para fora dos bens que lhes servem de suporte e, ainda que breve e de forma precária, postas para viver no consumidor individual (idem, ibidem).

Os indivíduos que extraem significado dos bens às vezes vêm a encarar essas fontes de significados em termos pessoais. Passam a associar o bem às características pessoais que possuem. Para tal fenômeno, é necessário o recurso do ritual de despojamento. Este é empregado para dois propósitos. Quando o indivíduo compra um bem que previamente pertenceu a outrem e deseja apagar o significado associado ao dono anterior. O segundo tipo de ritual de despojamento ocorre quando o indivíduo está prestes a dispensar um bem e então tenta apagar o significado que foi, por associação, investido no bem (id., ibid.).

Os quatro tipos de rituais propostos por McCracken (2007) podem ser assim resumidos:

Quadro 1: Resumo dos tipos de rituais de McCracken

Ritual de Troca	Ritual de Posse	Ritual de Arrumação	Ritual de Despojamento
“Os rituais de troca são usados para direcionar bens carregados de certas propriedades significativas para indivíduos que, assim o supõe o doador-do-presente, estão necessitados de tais propriedades” (MCCRACKEN, 2007, p. 118).	“Os rituais de posse são empreendidos pelo dono de um bem a fim de estabelecer acesso às suas propriedades significativas. Esses rituais são destinados a realizar a transferência das propriedades de um bem para o seu dono” (MCCRACKEN, 2007, p. 118).	“Os rituais de arrumação são usados para efetivar a transferência contínua de propriedades perecíveis, propriedades que provavelmente se desvaneceriam quando de posse do consumidor” (MCCRACKEN, 2007, p. 118).	“Os rituais de despojamento são usados para esvaziar o significado dos bens, a fim de evitar que a perda-de-significado ou o contágio-de-significado possa ocorrer” (MCCRACKEN, 2007, p. 119).

Fonte: MCCRACKEN, 2007.

Existe ainda outra tipologia acerca dos rituais proposta por Levy (1978, p. 20). Este aponta uma estrutura multidisciplinar para a construção de uma tipologia do comportamento ritualístico identificando cinco fontes primárias de comportamentos e significados:

1. Biologia humana.
2. Metas e emoções individuais.
3. Aprendizado em grupo.
4. Valores culturais.
5. Crenças cosmológicas.

A fonte da biologia humana diz respeito ao aspecto mais animal do ser humano. A ritualização do comportamento animal é compreendida como sendo

“promotora de comunicação livre de ambiguidade, estimuladora de padrões comportamentais específicos em outros, redutora da agressão e facilitadora da formação de elos sociais ou sexuais” (ROOK, 2007, p. 85). Pode-se citar como exemplos de rituais dessa fonte a saudação e o acasalamento.

Além das forças externas que dão origem a diversos fenômenos rituais, há a psique individual, também rica fonte de comportamento ritual. É a segunda fonte primária mencionada por Levy. Práticas rituais individuais são comuns nos cuidados pessoais diários e em diversas atividades domésticas. Como o ritual de descarte da separação do lixo, com o intuito de se realizar a reciclagem do mesmo (SUAREZ et al. 2011). Essas práticas emprestam estrutura e significado à mais mundana das atividades. Rook (2007, p. 87) salienta: “Por outro lado, se essas práticas se tornam por demais restritivas, podem representar neuroses, como rituais de lavagem compulsiva das mãos”.

A terceira fonte diz respeito aos rituais cívicos, àqueles advindos de um pequeno grupo e aos familiares. São aqueles rituais nos quais o indivíduo é influenciado pelo círculo social ao qual pertence. Os rituais cívicos invocam temas de inclusão (ou exclusão) comunitária e social, e dependem de veículos simbólicos como hinos nacionais, juramentos, paradas e cerimônias de celebração (idem, ibidem). No nível dos grupos menores, muitas práticas rituais permeiam o dia-a-dia, dos almoços de trabalho formais passando por rituais de negociação empresarial. “Até uma ida ao McDonald’s é interpretada como um ritual social contemporâneo” (loc. cit.) Por fim, a família é a fonte de numerosos e variáveis rituais que animam as refeições, a hora de dormir e as comemorações de aniversários e feriados (id., ibid.).

Os valores e processos culturais constituem outra fonte primária de comportamento ritual. Dentre os comportamentos ritualísticos advindos dessas fontes os antropólogos criaram uma categoria que foi rotulada como ritos de passagem (GENNEP, 2011). Esse tipo de ritual gira em torno da observação social de eventos que marcam simbolicamente as mudanças do *status* social dos indivíduos (ROOK, 2007). Nessa fonte também são compreendidos os rituais de fundo cultural, como exemplo, o dia dos namorados.

Uma das mais ricas fontes de experiência ritual humana está no sistema de crenças cosmológicas de uma cultura. Nessa fonte são encontrados os rituais de cunho religioso (p.ex. missa), mágico (p. ex. rituais de cura) e estético (p. ex. ópera). Rook (2007, p. 86) salienta que “diversos produtos estéticos (ópera, sinfonia, teatro) são

comumente considerados espiritualmente elevados e seu consumo é altamente ritualizado”. Os produtos estéticos são considerados ritualizados, pois são consumidos normalmente de formas convencionadas a partir de definições públicas visíveis (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2002).

Quanto ao ritual em estudo, o baile de debutantes, este enquadra-se como “rito de passagem”, cujo significado emana da quarta fonte: valores culturais (ESCALAS, 1993).

O “rito de passagem” é usado para mover o indivíduo de uma categoria cultural de pessoa para outra, e deste modo um conjunto de simbolismos são abandonados, enquanto outros são apropriados (MCCRACKEN, 2007). “Os grandes ritos de passagem, como formaturas e casamentos, marcam importantes transições de *status* social e estimulam grande envolvimento psicológico e forte ansiedade” (ROOK, 2007, p. 83). Outros exemplos seriam do funeral, que delimita de forma significativa a morte e o luto; e o baile de debutantes que é um mecanismo simbólico para refletir a mudança permanente da infância para a adolescência para as mulheres jovens (ESCALAS, 1993).

Para compreender melhor o baile de debutantes enquanto rito de passagem, o próximo tópico se preocupará com a definição desse tipo de ritual.

2.2.1 Ritos de Passagem

A vida humana não se desenrola unilinearmente. Ela é marcada, em todas as culturas, por momentos de exceção e decisão, os quais fogem na homogeneidade, da rotina e da continuidade. São momentos que colocam o homem diante de um novo começo e requerem decisão. E decidir é recomeçar. Esses momentos decisivos são celebrados com ritos de iniciação ou ritos de passagem (ULLMANN, 1991).

Ullmann (1991, p. 143) define os ritos de passagem como “uma tentativa de superação dos problemas que as diversas fases da existência humana suscitam”. O autor diz ainda que os ritos de passagem são celebrações em que se põe em relevo a mudança de um estado para outro (por exemplo, de solteiro para casado).

Importante salientar que o rito de passagem constitui um meio de interação social, mediante símbolos icônicos. Entende-se por símbolos icônicos os gestos, as

palavras, os objetos utilizados em uma cerimônia. Estes têm caráter simbólico, por conseguinte, representam alguma coisa. Por ser assim, há uma profunda analogia com o conceito de sacramento, o qual é um sinal visível de uma realidade invisível. Os ritos conscientizam valores e sentimentos de um grupo social, independentemente da opinião deste ou daquele indivíduo. “Tais valores pairam como imperativos sobre a comunidade; são internalizados, tornando-se parte integrante de todos e se repetem de geração em geração” (ULLMANN, 1991, p. 145). McCracken (2007) também segue essa linha de raciocínio, no entanto trata os símbolos icônicos mencionados por Ullmann (1991) como bens de consumo dotados de significados culturais. Dessa forma, o “rito de passagem” é usado para mover o indivíduo de uma categoria cultural de pessoa para outra, e deste modo um conjunto de simbolismos são abandonados, enquanto outros são apropriados (MCCRACKEN, 2007).

Rook (2007, p. 83) diz quanto aos ritos de passagem que estes “marcam importantes transições de *status* social e estimulam grande envolvimento psicológico e forte ansiedade”.

2.3 CONSUMO RITUALÍSTICO

Nesta seção será tratado do consumo enquanto ritual. Para tanto, se fará necessária a descrição dos componentes do ritual no contexto do consumo, tais como: os significados simbólicos no uso de produtos de consumo. Estes quando no contexto do consumo ritualístico, comunicam mensagens simbólicas específicas, assumindo a forma de artefatos simbólicos que acompanham um ambiente ritual ou são nele consumidos.

2.3.1 Cultura e Consumo

A cultura tem sido definida de várias formas. Uma definição clássica diz que a cultura pode ser compreendida como um conjunto de padrões de comportamento socialmente adquiridos que são transmitidos simbolicamente aos membros de uma determinada sociedade por meio da linguagem e de outros meios (WALLENDORF;

REILLY, 1983). Para McCracken (2007), cultura é o conjunto de ideias e atividades através das quais fabricamos e construímos o nosso mundo, um sistema de significados, atitudes e valores partilhados.

As culturas, assim, podem ser distinguidas em termos de suas regras de comportamento, das atitudes, valores e estilo de vida da população e do grau de tolerância a outras culturas (MOWEN; MINOR, 2003). Dessa forma, a cultura satisfaz necessidades. Por meio de normas de comportamento, a cultura concede uma regularidade à sociedade. Ela supre à sociedade com valores, delineando o que é correto, bom e pertinente. Importante salientar que a cultura é adaptativa, ou seja, muda na medida em que a sociedade encara novos problemas e oportunidades (MOWEN; MINOR, 2003).

Para ditar as normas de comportamento, cada cultura tem seu próprio conjunto de símbolos, rituais e valores. Portanto, estudar a cultura é examinar um código de símbolos partilhados pelos membros dessa cultura (LARAIA, 2007). Nesse ínterim, surge o papel do consumo. Este pode ser compreendido como uma área de comportamento coberto por regras que demonstram significados culturais, construindo e mantendo relações sociais (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2002).

A expressão cultura de consumo vem sendo bastante utilizada na literatura sociológica, no sentido de indicar que os princípios de estruturação do mundo das mercadorias são centrais para a compreensão das sociedades contemporâneas, envolvendo tanto a dimensão cultural da economia, isto é, o uso das mercadorias como signos, comunicadores, quanto à dimensão propriamente econômica e utilitária (CASTRO, 2007).

Barbosa (2010) diz acerca da cultura, do consumo e da sociedade contemporânea, que a partir da década de 80, estes temas deram origem a duas pressuposições teóricas. A primeira delas é o reconhecimento de que o consumo é central no processo de reprodução social de qualquer sociedade, ou seja: todo e qualquer ato de consumo é essencialmente cultural.

As atividades mais triviais e cotidianas como comer, beber e se vestir, entre outras, reproduzem e estabelecem mediações entre estruturas de significados e o fluxo da vida social através dos quais identidades, relações e instituições sociais são formadas, mantidas e mudadas ao longo do tempo. Mais ainda, através do consumo atos locais e mundanos são relacionados a forças globais de produção, circulação, inovação tecnológica e relações políticas que nos permitem mapear e sentir na vida cotidiana aspectos que de outra forma nos parecem extremamente distanciados e presentes apenas nas discussões

políticas sobre as desigualdades regionais e sociais (BARBOSA, 2010, p. 13).

A segunda pressuposição se baseia na caracterização da sociedade moderna contemporânea como uma sociedade de consumo.

Como já mencionamos, a cultura material e o consumo são aspectos fundamentais de qualquer sociedade, mas apenas a nossa tem sido caracterizada como uma sociedade de consumo. Isto significa admitir que o consumo está preenchendo, entre nós, uma função acima e além daquela de satisfação de necessidades materiais e de reprodução social comum a todos os demais grupos sociais. Significa admitir, também, que ele adquiriu na sociedade moderna contemporânea uma dimensão e um espaço que nos permitem discutir através dele questões acerca da natureza da realidade (BARBOSA, 2010, p. 14).

Dessa maneira, pode-se concluir, de acordo com Douglas e Isherwood (2002), que consumir é exercitar um sistema de classificação do mundo a partir de si mesmo e pode ser sempre inclusivo. O indivíduo usa o consumo para dizer alguma coisa sobre si mesmo.

2.3.2 Significados simbólicos no uso de produtos de consumo

Os bens de consumo são parte do que Douglas e Isherwood (2002) chamaram de “parte invisível” da cultura, eles criam continuamente certos padrões de discriminação, superando, ou reforçando outros. Eles ajudam a dar às ideias da cultura, que são por sua própria natureza intangíveis, uma certa concretude, pois quando a cultura é concretizada sob a forma de objetos de consumo, torna-se mais estável e consistente (MCCRACKEN, 2007). Os bens de consumo têm uma significância que vai além de seu caráter utilitário e de seu valor comercial. Esta significação consiste largamente em sua habilidade em carregar e em comunicar significado cultural (BARBOZA; SILVA; AYROSA, 2011).

Pode-se argumentar que as pessoas consomem símbolos. Estes são importantes porque comunicam ideias complexas rapidamente e com um mínimo de esforço. Assim, os produtos podem ser avaliados, comprados e consumidos em parte devido a seus valores simbólicos. Para que um produto tenha valor simbólico, deve haver uma realidade compartilhada entre os consumidores, o que significa que um grande número de consumidores deva ter uma concepção comum quanto ao significado simbólico do produto. Por exemplo, para que um automóvel tenha valor de “prestígio”, outras pessoas

que fazem parte do grupo social em questão devem considerá-lo da mesma maneira que o comprador (MOWEN; MINOR, 2003). Trabalhos como o de Schouten e MacAlexander (1995) evidenciam como o consumo e a experiência proporcionada por determinados produtos podem impactar na vida de indivíduos e grupos, onde esse consumo e essa experiência estão entre as peças-chaves para a constituição e união do grupo. Cada grupo de indivíduos, possui características próprias, como o estilo de vida da tribo do surf ou dos ciclistas, por exemplo (SEGABINAZZI, NIQUE; PINTO, 2011).

A partir dessa perspectiva de distinção dos indivíduos e grupos a partir do consumo de bens, Slater (2002, p. 147) comenta que “os bens e os rituais tornam a ordem social tanto visível quanto eficiente: de certo modo, os tipos de consumo são como um mapa da ordem social, com o qual é possível identificar as classificações e categorias que a constituem”. Ou seja, o fluxo de bens através dos rituais de consumo mapeia e consolida as redes complexas das relações sociais. Então, a partir dos ritos, os significados individuais dados aos bens são padronizados e assim surgem significados gerais, que valem para toda a sociedade, mantendo dessa forma as relações sociais. Isso ocorre porque uma pessoa recebe um padrão de um mesmo evento de um modo bastante diferente do que outra pessoa; um ano depois, esse mesmo evento tem um aspecto diferente novamente. O principal problema da vida social é definir significados que perdurem. Sem algumas formas convencionais de seleção e fixação de significados acordados, falta a base mínima de consenso da sociedade. Assim, rituais servem para conter o desvio de significados. Eles são convenções que estabelecem definições públicas visíveis (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2002). Rituais são bons para transmitir valores e conhecimentos e também próprios para resolver conflitos e reproduzir as relações sociais (PEIRANO, 2003).

2.3.3 Ritual e consumo

Os rituais fazem parte da vida diária das pessoas, e segundo Segalen (2002), são atos formalizados e expressivos, portadores de uma dimensão simbólica. Um mesmo ato pode ter uma simbologia oposta dependendo da cultura e do momento histórico (BARBOZA; SILVA; AYROSA, 2011). Alguns rituais são verbais, vocalizados, não contabilizados, mas eles desaparecem no ar e dificilmente ajudam a limitar o âmbito interpretativo simbólico. Rituais mais eficazes utilizam coisas

materiais. Mercadorias, nessa perspectiva, são adjuntos dos rituais e assim, consumo é um processo ritual cuja função primária é dar sentido ao fluxo rudimentar dos acontecimentos (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2002).

Rituais culturais são sequências de ações socialmente padronizadas que se repetem periodicamente, transmitem significados e envolvem o uso de símbolos culturais. Os rituais podem ser públicos ou privados. Eles variam desde rituais cívicos de ampla escala, como a Copa do Mundo, até rituais privados, como fazer uma oração. Os comportamentos ritualísticos são roteirizados para que sejam formais e prescritos por convenções e, em muitos casos, envolvem o consumo e o uso de produtos (MOWEN; MINOR, 2003). McCracken (2007) concorda com essa posição, dizendo que o ritual é um tipo de ação social na qual há a manipulação de significado cultural para propósitos de comunicação e categorização coletiva e individual (MCCRACKEN, 2007). Dessa forma, o ritual é uma poderosa ferramenta de transferência de significado do consumidor para o bem. “Os rituais são uma espécie de versão microscópica dos instrumentos de transferência de significado que os fazem movimentar-se no mundo dos bens. Cabe a eles transportar o significado dos bens para o consumidor” (BARBOZA; SILVA; AYROSA, 2011, p. 12).

Para fabricantes e lojistas, o sucesso quase sempre depende de reconhecer a importância de rituais de consumo culturalmente prescritos e a vinculação de produtos das empresas a esses rituais. Por meio da identificação de padrões ritualísticos de comportamento, os profissionais de marketing são capazes de elaborar e promover produtos que poderiam servir como artefatos para as atividades rituais (MOWEN; MINOR, 2003). Mowen e Minor (2003, p. 305), mencionam um exemplo prático para as empresas no que tange ao consumo ritualizado:

Por exemplo, para muitas mulheres, o ritual de beleza envolve uma longa série de etapas. Algumas empresas (como a Clinique) têm tentado prolongar ainda mais o ritual, adicionando novos passos e produtos, como, por exemplo, o uso de um adstringente para fechar os poros do rosto após o banho. Marcas como Donna Karan, Clinique e outras têm desenvolvido sistemas de tratamento de pele multifásicos para homens, porém com sucesso apenas moderado. (Talvez os homens se ofendam com o uso original do perfume: neutralizar o mau cheiro de carne queimada durante as cerimônias de sacrifícios). A ideia é trocar os hábitos de embelezamento pelos rituais prescritos pela empresa, prometendo-se fornecer ao consumidor o importante benefício de ter uma pele mais atraente.

Um último ponto de interesse para os varejistas e provedores de serviços é a noção de que rituais são como catalisadores para a construção de “pequenos mundos”, ou seja, para desenvolver e manter relações sociais. Embora os rituais possam ser

diferentes, o resultado final é semelhante. Se as instalações e os eventos facilitarem o desenvolvimento de pequenos mundos de consumidores ligados entre si (incluindo até mesmo o senso de fazer parte de algo), o valor fornecido poderá ser intensificado. Por exemplo, alguns consumidores observam que participam de alguns eventos mais por razões sociais do que pelo valor do próprio acontecimento ou evento (MOWEN; MINOR, 2003). Muitos casais trocam presentes no dia dos namorados por ser algo corriqueiro e cultural do que pelo valor em si do dia, afinal o aniversário de namoro pode ter para o casal um significado muito maior do que o dia dos namorados.

2.3.4 Consumo no Baile de Debutantes

O consumo é uma atividade significativa. Os seres humanos não consomem como os animais porque a relação dos homens com suas necessidades e o meio ambiente em que vivem não é instintiva, programada, nem limitada à sobrevivência física do indivíduo ou da espécie. Ao contrário, as pessoas compreendem sua relação com as coisas do mundo em termos de projetos e metas, convenções e normas sociais, conceitos implicados em ser humano, ou em ser uma sociedade humana (SLATER, 2002). Segundo Barbosa (2010), a cultura do consumidor é uma cultura de uma sociedade de mercado, pois no mundo moderno, o consumo se tornou o foco central da vida social.

Dessa forma, todo consumo é cultural. Isso significa várias coisas. Primeiramente, todo consumo é cultural porque sempre envolve significado: para “ter uma necessidade” e agir em função dela é necessário ser capaz de interpretar sensações, experiências e situações e de dar sentido a (bem como de transformar) vários objetos, ações, recursos em relação a essas necessidades. Em segundo lugar, o consumo é sempre cultural porque os significados envolvidos são necessariamente significados compartilhados. As preferências individuais são, elas mesmas, formadas no interior de culturas. Em terceiro lugar, todas as formas de consumo são culturalmente específicas. São articuladas dentro ou em relação a modos de vida significativos e específicos (SLATER, 2002).

Nesta medida, os rituais de consumo são atos da sociedade, e através dele a sociedade toma consciência de si, se recria e se reafirma por meio dos significados

culturalmente relacionados aos bens de consumo (BARBOZA; SILVA; AYROSA, 2011). O fluxo de bens através dos rituais de consumo mapeia e consolida as redes complexas das relações sociais (SLATER, 2002). Além disso, os rituais de consumo consolidam os significados sociais (estes são mutáveis e instáveis), instituindo definições públicas visíveis (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2002).

Muitas sociedades têm rituais para sinalizar a transição dos jovens para a vida adulta. Em algumas tribos indígenas, por exemplo, a puberdade dos rapazes é marcada pela circuncisão. Na cultura judaica, o *B'nai Mitzvá* (filhos do mandamento) é o nome dado à cerimônia que insere o jovem judeu como um membro maduro na comunidade judaica (GENNEP, 2011). Muitas vezes, o rito de passagem da infância para a adolescência das mulheres está associado com ela atingir a puberdade, ou seja, com a primeira menstruação. Como isso se dá normalmente até os 15 anos, no Brasil é feita uma festa nessa idade para simbolizar esse crescimento da mulher. Essa é chamada mundialmente como baile de debutantes e no Brasil é comumente conhecida como festa de 15 anos.

A festa de 15 anos pode ser compreendida como um ritual, pois nela são encontrados todos os componentes da definição de ritual, quais sejam: artefatos simbólicos (vestido, valsa), roteiro (cerimonial da valsa), papéis dos agentes (pai dança a valsa com a filha), audiência (convidados assistem a valsa, ao “parabéns”) e repetição (festa tradicional que teve início no século 16).

Essa festa também pode ser compreendida como um ritual de consumo ou consumo ritualístico, já que os artefatos rituais presentes nos bailes de debutantes assumem a forma de produtos de consumo que acompanham o ambiente ritual ou são nele consumidos (ROOK, 2007). Como prova disso, nas festas de 15 anos são gastas vultuosas quantias pelos pais que patrocinam o evento.

3 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste estudo foi escolhida a metodologia qualitativa, motivada principalmente pela necessidade de investigar em profundidade a caracterização do baile de debutantes como consumo ritualístico a partir da identificação dos componentes caracterizadores de um ritual por meio da história oral das debutantes que entrevistadas. A pesquisa qualitativa possibilita a compreensão em maior profundidade do comportamento ritualizado, capaz de fornecer informação contextual valiosa para ajudar a explicar achados específicos. Ademais, a metodologia qualitativa é orientada para a análise de casos concretos em sua particularidade temporal e local, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais. Isso permite que se mantenha a flexibilidade necessária em relação às tarefas a serem realizadas no estudo (FLICK, 2004).

O método qualitativo é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam (MINAYO, 2007). Nesse sentido, fica claro que a melhor forma de se estudar os rituais de consumo bem como seus artefatos simbólicos é por meio da pesquisa qualitativa.

A pesquisa é descritiva, na medida em que se buscará compreender os componentes da definição de ritual presentes no consumo ritualístico dos bailes de debutantes a partir da história oral das aniversariantes. O corte temporal da coleta é transversal, pois se limita a um período específico. A análise, por sua vez, também foi transversal.

A coleta de dados foi baseada nos três níveis de interpretação dos símbolos rituais propostos por Victor Turner (1974). Estes são: (1) Exegético, (2) Operacional e (3) Posicional.

De 1965 a 1974, Victor Turner dedicou-se a escrever e publicar seus livros sobre os rituais Ndembu, fornecendo amplo material nos três níveis de interpretação que ele havia proposto para o estudo dos símbolos rituais, isto é, (1) o nível exegético que é aquele suprido pelos nativos e que contempla dados sobre o nome, as características físicas e biológicas e a construção do objeto cultural; (2) o nível operacional, aquele derivado do uso dos símbolos e da composição social dos grupos que realizam o ritual;

e (3) o nível posicional que é a consequência da relação entre diferentes símbolos de vários rituais ou entre símbolos de um mesmo ritual (PEIRANO, 1995).

A partir desses três níveis, sugere-se três métodos correspondentes para a coleta de dados. O nível exegético foca nos nativos e suas características, portanto a história oral é o método mais adequado para a busca dessas informações, já que proporciona uma estratégia válida para a compreensão de acontecimentos ou conjunturas a partir do discurso dos atores ou das testemunhas envolvidas nos eventos que se busca estudar (ALBERTI, 2004).

O nível operacional procura entender o uso dos símbolos e a composição social, isso é melhor evidenciado pelo método da análise documental. Isso porque as fotos, os convites, os diários e outros documentos serão extremamente importantes para a compreensão simbólica e social do ritual.

Quanto ao nível posicional, este busca a interação dos símbolos com o ritual em si bem como a de seus atores. Para esse nível, o melhor método é o da observação participante. Esse método contribui para a construção da própria realidade que se busca analisar, realidade essa que já é resultado de processos de construção social antes de ser observada (FLICK, 2004). Assim, a observação participante permitiu analisar o evento em um ambiente específico, as atividades de uma pessoa específica e a interação concreta de várias pessoas em conjunto.

Na pesquisa qualitativa, a seleção dos entrevistados tem como problema ao pesquisador a abordagem das pessoas. “Como conseguir ter acesso às figuras centrais de um ambiente e não meramente àquelas que estão à margem?” (FLICK, 2004, p. 73). Isso porque a pesquisa qualitativa trabalha com gente e com suas criações, compreendendo-os como atores sociais em relação a grupos específicos ou perspectivas, produtos e exposição de ações, no caso de documentos. Os sujeitos/objetos de investigação, primeiramente, são construídos teoricamente enquanto componentes do objeto de estudo (MINAYO, 2007).

Assim, a amostra na pesquisa qualitativa ganha contorno de sujeitos de investigação. No estudo, esses foram delimitados pelas jovens de Maringá-PR e São Sebastião do Paraíso-MG que realizaram a festa.

A inserção da História Oral em um projeto de pesquisa requer peculiaridades. Uma exigência é relacionada ao marco cronológico estabelecido: a História Oral “só

pode ser empregada em pesquisas sobre temas recentes, que a memória dos entrevistados alcance” (ALBERTI, 2004, p. 21). Assim, para uma melhor delimitação cronológica, o critério de filtragem foi feito a partir das jovens entre 15 e 17 anos, no máximo, que realizaram festas de 15 anos, ou seja, jovens que realizaram a festa nos últimos 2 anos. Isso se explica devido ao fato de que com a pouca passagem de tempo desde a festa (2 anos), as meninas se lembrarão com maior número de detalhes do evento. Além disso, festas realizadas com muitos anos de diferença podem ter seus significados e artefatos simbólicos modificados devido à diferença de tempo.

Foi analisado o baile de debutantes de 3 jovens de Maringá-PR e 3 jovens de S.Seb.Paraíso-MG, buscando a totalidade de informações necessárias para viabilizar as respostas dos objetivos propostos. Minayo (2007) diz que o dimensionamento das entrevistas deve seguir o critério de saturação, no entanto provisoriamente o investigador pode e deve prever um montante de entrevistas e de outras técnicas de abordagem a serem depois balizadas em campo, à medida que consiga o entendimento das homogeneidades, da diversidade e da intensidade das informações necessárias para seu trabalho. Importante salientar que em cada baile de debutante foi ouvida a história oral das aniversariantes bem como dos outros atores envolvidos no ritual e que a debutante informou como essenciais ao baile, além disso sobre cada baile foi realizado também a análise documental. Quanto à observação participante, dentre esses 6 bailes que foram analisados, dois deles, um em cada município, foi observado de forma participativa, sendo que nesses bailes, as meninas e os atores foram ouvidos antes e depois do evento.

Para o tratamento e interpretação dos dados foi usado o método de análise de conteúdo, que será visto posteriormente no item 3.2.

3.1 COLETA DE DADOS

Como dito, para a coleta dos dados foram utilizados três métodos, conforme cada nível de interpretação dos símbolos do ritual:

Quadro 2: Níveis de interpretação e métodos de coletas de dados

• Nível Exegético	• Nível Operacional	• Nível Posicional
--------------------------	----------------------------	---------------------------

Fonte: Autora do trabalho.

Os três métodos serão vistos a seguir.

3.1.1 História Oral

A História oral consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente. Tais entrevistas são produzidas no contexto de projetos de pesquisa, que determinam quantas e quais pessoas entrevistar, o que e como perguntar, bem como que destino será dado ao material produzido (ALBERTI, 2004). Thompson (1992) menciona que a história oral transforma os “objetos” de estudo em “sujeitos”, o que contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, como também mais verdadeira.

Debert (1997) informa que o uso desse método aparece como especialmente relevante quando se tem em vista a produção de uma nova documentação. Diz ainda que o relato oral possibilita o estabelecimento de uma conversação ou um diálogo entre informante e analista.

Minayo (2007) diz que a história oral é um poderoso instrumento para a descoberta, a exploração e a avaliação de como as pessoas compreendem seu passado, vinculam sua experiência individual a seu contexto social, interpretam-na e dão-lhes significado, a partir do momento presente. Por isso, esse método oferece material para a generalização sociológica, descrição de época e também possibilita levantar questões novas e de diversos níveis de abrangência, assim como corrigir teses consagradas ou inconsistências teóricas.

Depois dessas definições acerca do método da História Oral, é importante mencionar porque foi escolhido tal método em detrimento de outros métodos de fontes orais, como a História de Vida. Apesar desse método ter muita semelhança com aquele no que diz respeito à operacionalização das entrevistas, o enfoque é diferente. Na História Oral o que se busca é a entrevista temática, ou seja, versa prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido (no estudo, baile de debutantes),

enquanto que na História de Vida a entrevista tem como centro de interesse o próprio indivíduo na história, incluindo sua trajetória desde a infância até o momento em que se fala, passando por diversos acontecimentos e conjunturas que presenciou, vivenciou ou de que se inteirou. Pode-se dizer que na História de Vida contém em seu interior várias entrevistas temáticas (ALBERTI, 2004). Como o caso em estudo se preocupa com o momento específico dos entrevistados, qual seja, o baile de debutantes, e não com toda sua história vivida, o método mais adequado será a História Oral.

O estudo foi pautado na análise do consumo ritualístico dos bailes de debutantes, portanto o que se buscou foi a análise do comportamento dos atores frente ao rito de passagem no qual há transmissão de significados aos bens.

O consumo carrega uma série de símbolos e significados que dificilmente seriam percebidos e analisados sem a utilização de um método qualitativo de pesquisa com orientação interpretativista. Essa abordagem interpretativista parte do princípio que as pessoas utilizam bens e serviços para dizer alguma coisa sobre si mesmos, para reafirmar suas identidades, para definir sua posição no espaço social, para declarar seu pertencimento a um ou outro grupo, para falar de gênero e etnia, para celebrar ou superar passagens, para afirmar ou negar suas relações com os outros ou para atribuir quaisquer outros significados (MATOS, 2010).

Como o estudo é focado nessa orientação interpretativista do consumo ritualístico dos bailes de debutantes, o método História oral é um instrumento privilegiado para análise e interpretação, na medida em que incorpora experiências subjetivas mescladas a contextos sociais. Ademais, somente as entrevistas em profundidade não conseguiriam abarcar de forma abrangente e completa o comportamento do consumidor no contexto deste estudo, já que a História Oral permite identificar momentos e tempos que mudaram os significados sociais, e consequentemente, o status social de uma pessoa a partir do rito de passagem da festa de 15 anos.

Enfim, o comportamento de consumo “lida com gente e a tendência do ser humano em procurar dar significado à sua vida compartilhando linguagem, sinais e objetos simbólicos que conferem sentido à sua existência não pode ser dissociada de sua história” (MATOS, 2010, p. 9). Assim, a História oral foi o melhor método para o estudo que foi feito acerca do comportamento do consumo ritualístico.

Para realizar a história oral é necessário preparar uma entrevista, contatar o entrevistado, gravar o depoimento, transcrevê-lo, revisá-lo e analisá-lo (ALBERTI, 2004). A entrevista deve ser aberta e não diretiva (MINAYO, 2007). Assim no primeiro encontro entre pesquisador e pesquisado a pergunta a ser adotada é bastante ampla (*Fale sobre determinado assunto*), permitindo que o entrevistado fale livremente sobre sua trajetória de vida, alguns aspectos poderão não ser evidenciados. Deste modo, nas etapas posteriores, os questionamentos poderão variar, bem como durante as entrevistas podem ser adicionadas novas questões (CRAIDE, 2011). Dessa forma, foram feitas entre duas a três entrevistas com cada debutante, seguindo dessa forma a operacionalização proposta por Atkinson (1998).

Como a entrevista foi aberta, o roteiro desta teve uma descrição sucinta, breve, ao mesmo tempo abrangente, pelo entrevistador, do objeto da investigação (baile de debutantes), orientando os rumos da fala do interlocutor (MINAYO, 2007). Dessa maneira, a pesquisadora usou dos pontos de investigação a seguir para nortear as entrevistas:

Figura 2: Pontos de investigação



Fonte: Autora do trabalho.

Esses pontos de investigação foram delimitados a partir de uma outra pesquisa realizada pela pesquisadora com os profissionais da cidade de Maringá-PR envolvidos na realização de festas (ESTÉBAN; PÉPECE, 2013).

A História oral compreende o estudo aprofundado de um momento da vida de um indivíduo ou grupo de indivíduos. Assim, além das debutantes que foram entrevistadas, também foram entrevistadas pessoas envolvidas nos círculos sociais das entrevistadas e que tiveram algum papel significativo na história da festa para as aniversariantes. Dessa maneira, a partir dos discursos das jovens entrevistadas, foi levantado o rol de pessoas significativas para elas, sendo entrevistadas a mãe, a avó, etc. Dessa forma, a entrevistadora esteve munida do seguinte quadro para auxiliá-la nas entrevistas:

Quadro 3: Identificação dos possíveis entrevistados

Entrevistada:	Pessoa Mencionada	Grau de Proximidade	Influência na festa	Contato

Fonte: Autora do trabalho.

Para entrar em campo, além do gravador, a pesquisadora esteve munida de um caderno de campo, no qual tomou nota das impressões, encontros e reflexões. Esses diários de campo foram feitos durante as entrevistas bem como após, sendo anotados dados sobre as circunstâncias em que as entrevistas foram realizadas e informações que não surgiram no discurso dos entrevistados (CRAIDE, 2011).

Langness (1973) informa que a coleta adequada e digna de confiança de uma história oral envolve um grau de intimidade com o informante e o conhecimento da comunidade, que surge somente através de um bom “*rapport*”. Esse é a capacidade de entrar no mundo de alguém, fazê-lo sentir que você o entende e que vocês têm um forte laço em comum. É a capacidade de ir totalmente do seu mapa do mundo para o mapa do mundo dele. É a essência da comunicação bem-sucedida (LANGNESS, 1973).

Como a pesquisadora já teve festa de 15 anos bem como possui parentes próximos nessa idade e que realizaram a festa, foi mais fácil estabelecer o “*rapport*” com os entrevistados. Ademais, as duas ou mais entrevistas permitiram maior contato com as jovens.

As transcrições das entrevistas foram ser feitas imediatamente após a conclusão de cada uma delas, sendo que o discurso foi fielmente transcrito (CRAIDE, 2011). Isso permitiu que a pesquisadora tivesse uma preparação melhor para as próximas entrevistas, já que evitou-se que se perdesse informações.

3.1.2 Análise documental

Foram analisados todos os documentos que podiam ser consultados, como fotos, vídeos, etc (SPINDOLA; SANTOS, 2003). Para isso a entrevistadora usou de um roteiro, pois os textos e imagens não falam por si, eles respondem a indagações dos investigadores (MINAYO, 2007).

Quadro 4: Roteiro para a análise documental

Quais documentos serão investigados?	1 – Fotos; 2 – Vídeos/filmagens. 3 – Convites; 4 – Jornais e revistas que falem sobre a festa de 15 anos da entrevistada; 5 – Diários e anotações feitas pelos entrevistados; 6 – Caderno de recados que os convidados assinam durante a festa. 7 – Rede social das debutantes, especificamente o Facebook.
Quais indagações serão feitas?	1 – Quais os pontos centrais dos documentos? (Pessoas, cores, objetos) 2 – A festa é temática? Se sim, qual tema? 3 – O que dizem as pessoas nos documentos quanto à aniversariante? E quanto à festa? E quanto à família da debutante? E quanto aos convidados? 4 – É possível identificar emoções emitidas pelas pessoas nas fotos/vídeos? Quais? 5 – Como os convidados aparecem? É possível identificar a importância dos convidados? Quais são os que possuem maior destaque?

Fonte: Autora do trabalho.

Importante salientar que a investigação qualitativa requer, como atitudes fundamentais, a abertura, a flexibilidade, a capacidade de observação e de interação com o grupo de investigadores e com os atores envolvidos. Seus instrumentos costumam ser facilmente corrigidos e readaptados durante o processo de trabalho de campo, visando à finalidade da investigação (MINAYO, 2007). Dessa forma, o roteiro do Quadro 4 foi considerado como semiestruturado, já que serviu como uma orientação e guia para a pesquisadora.

3.1.3 Observação participante

A observação participante é definida como uma estratégia de campo que combina, simultaneamente, a análise de documentos, a entrevista de respondentes e informantes, a participação e a observação diretas, e a introspecção. Os aspectos principais do método consistem no fato de o pesquisador mergulhar no campo, de ele observar a partir de uma perspectiva de membro, mas, também, de influenciar o que é observado graças à sua participação. Assinala-se o caráter essencial da abertura na coleta de dados baseada unicamente na comunicação com os observados (FLICK, 2004).

Assim, no presente estudo a observação participante foi de grande valia para o entendimento da comunicação dos atores e dos artefatos simbólicos em um ambiente ritual, que no caso específico é o baile de debutantes.

Para ir a campo na observação participante, Minayo (2007) menciona que é essencial o roteiro (isso para a observação dirigida) e o diário de campo. O roteiro deve conter os tópicos formulados tendo em vista os temas que constituem o objeto de investigação a partir de alguns elementos exploratórios da realidade empírica. O diário de campo é um caderno no qual o investigador deve anotar todas as informações que não sejam o registro de entrevistas formais. Ou seja, observações sobre conversas informais, comportamentos, cerimoniais, festas, instituições, gestos e expressões que digam respeito ao tema de pesquisa. Fala, comportamento, crenças, hábitos, usos, costumes, celebrações e instituições compõem o quadro das representações sociais (MINAYO, 2007).

Dessa forma, a pesquisadora se utilizou do seguinte roteiro para a observação participante:

Quadro 5: Roteiro da observação participante

1 – Como é a recepção dos convidados pela debutante? (Ela está acompanhada da sua família? Tira-se foto? Os convidados assinam ou ganham algo?) E os presentes? (Onde ficam, o que ela ganha)
2 – Como é a decoração da festa? Ela é composta por quais elementos?
3 – Tem alguma ordem/seqüência (roteiro) de ações previstas para a festa? O que acontece?
4 – Qual som toca nas “fases” da festa? É possível diferenciá-las nitidamente pelas músicas?
5 – Como os convidados estão vestidos? E a família da debutante?
6 – Como a debutante está vestida? Troca-se de roupa?
7 – O que se serve na festa para comer e beber?
8 – O que acontece além do roteiro da festa?

Fonte: Autora do trabalho.

Conforme dito no item da análise documental, a pesquisa qualitativa é flexível, portanto esse roteiro era semiestruturado, ou seja, somente um guia, permitindo assim que a pesquisadora interferisse com novas indagações.

3.2 ANÁLISE DOS DADOS

Para o tratamento e interpretação dos dados foi usado o método análise de conteúdo. Bardin (1977) configura a análise de conteúdo como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. Flick (2004) diz que um dos aspectos essenciais da análise de conteúdo é o emprego de categorias, obtidas, com frequência, de modelos teóricos: as categorias são trazidas para o material empírico e não necessariamente desenvolvidas a partir deste, embora sejam, repetidas vezes, avaliadas contrastivamente a esse material e, se necessário, modificadas.

De acordo com Flick (2004), a análise de conteúdo se dá por oito etapas:

- 1) Definir o material, selecionar as entrevistas ou aquelas partes que sejam relevantes na solução da questão de pesquisa.
- 2) Analisar a situação da coleta de dados (Como foi produzido o material? Quem participou da entrevista? Quem participou dessa produção? Quem estava presente na situação da entrevista? De onde vêm os documentos que vão ser analisados, etc).
- 3) Caracterizar formalmente o material (Como foi documentado o material – gravação ou protocolo? Como foi editado – influência da transcrição sobre os textos? etc).
- 4) Direcionar a análise para os textos selecionados e “o que de fato se espera interpretar com eles”.
- 5) Diferenciar ainda mais a questão de pesquisa, com base em teorias.
- 6) Definir a técnica analítica, que no caso será a análise estruturadora do conteúdo (busca-se tipos ou estruturas formais no material). A estruturação

ocorre no nível formal, responsável pela tipificação, representado por escalas ou com relação ao conteúdo.

- 7) Definir as unidades analíticas (com base nos pontos de investigação – Fig. 2).
- 8) Conduzir as análises efetivas antes que seus resultados sejam finalmente interpretados com referência à questão de pesquisa, elaborando-se e respondendo-se a questões de validade.

A análise de conteúdo foi auxiliada pelo programa de *software* de computador QSR NVivo. Creswell (2007) lembra que o NVivo é a última versão do software da QSR – Quality Service Research - International, em combinação com os padrões do NUD*IST e compatível com o ambiente Windows, sendo que o programa permitiu que o processo de vasculhar cada linha do texto e atribuir códigos (no caso nós) se tornasse mais rápido e eficiente.

3.3 VALIDADE E CONFIABILIDADE

Quanto à validade, na visão de Creswell (2007), é preciso estabelecer um compromisso com estratégias de validação, no sentido de confirmar e triangular dados de diversas fontes, e permitir a revisão dos dados coletados e respectivas fontes aos participantes da pesquisa. Com relação à confiabilidade, Creswell (2007) diz que esta mostra a consistência de uma pesquisa, tendo como base, então, não resultados acidentais, mas sim a confiança no processo de coleta, tratamento, análise e interpretação dos dados.

Assim, para garantir a confiabilidade da pesquisa, foram utilizados os seguintes procedimentos (CRESWELL, 2007):

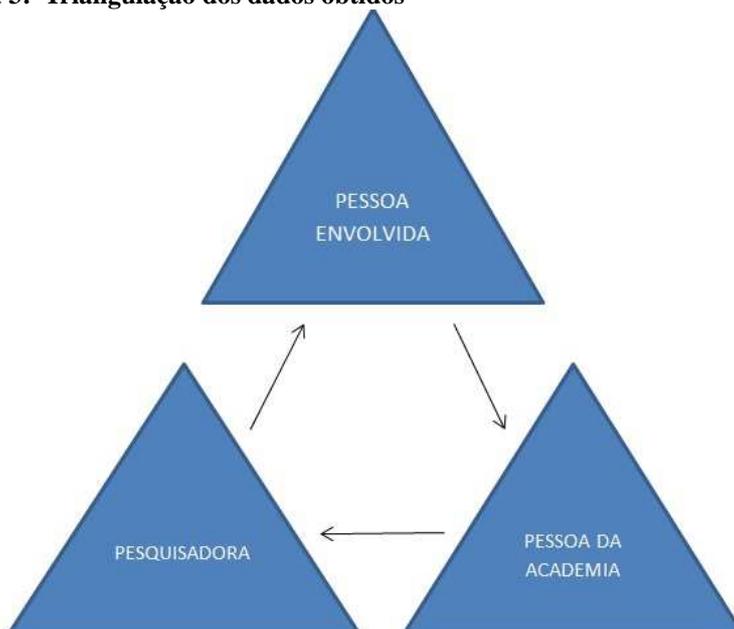
- 1) Verificação das transcrições para assegurar que elas não contenham erros óbvios cometidos durante a transcrição;
- 2) Categorização conforme referencial teórico proposto;
- 3) Ética na utilização dos achados.

Para que os resultados do estudo fossem precisos, foi utilizada a seguinte estratégia (idem, ibidem):

1) Utilização de uma descrição rica e densa para comunicar os resultados;

Fora esses procedimentos e estratégias mencionados por Creswell (2007), foi utilizada uma outra técnica para a confiabilidade e validade interna dos dados obtidos. Bauer e Gaskell (2008) mencionam que a Triangulação e Reflexividade é uma técnica que funciona como indicador de confiabilidade e validade interna. O entendimento das outras pessoas e também de materiais textuais se inspira na experiência da diversidade. O pesquisador social está sempre em uma posição de tentar descobrir sentidos em outras pessoas, a partir de outros ambientes sociais, mas, inevitavelmente, tendo como base o autoconhecimento. O entendimento de si mesmo e de outros pode ser uma busca interminável, mas ele tem seu ponto de partida na consciência de perspectivas diferentes, que levam à reflexividade, à descentração da própria posição. Dessa forma, juntamente com a reflexividade, a triangulação de perspectivas permite ao pesquisador considerar inconsistências e contradições nos dados (idem, ibidem).

Portanto, foi feito a Triangulação e Reflexividade dos dados obtidos da seguinte maneira: após as transcrições das entrevistas e das observações feitas pela pesquisadora, as pessoas envolvidas leram os textos transcritos e conferiram se concordavam ou não com eles. Ou seja, se estavam de acordo com o que disseram, vivenciaram e observaram. Após isso, depois das correções feitas (quando foi o caso), os textos transcritos foram repassados para conferência a uma pessoa experiente dentro da academia e conhecedora do assunto estudado, que no presente estudo foi a orientadora da pesquisadora. Por fim, depois dos devidos apontamentos por essa pessoa, os textos voltaram às mãos da pesquisadora.

Figura 3: Triangulação dos dados obtidos

Fonte: Autora do trabalho.

Após a triangulação dos dados obtidos, a pesquisadora deu início à análise de conteúdo.

3.4 OBSERVAÇÕES SOBRE O CAMPO

A pesquisadora teve algumas dificuldades para coletar os dados desse estudo. O primeiro deles foi a disponibilidade dos entrevistados. Fazer a segunda entrevista com as debutantes era muito difícil, pois elas achavam que já haviam dito tudo. A pesquisadora tinha que insistir consideravelmente para que as entrevistas fossem agendadas.

As entrevistas com os pais também foram bem difíceis. Como dito, o baile de debutantes é característico do universo feminino, dessa forma os pais se sentiam incomodados para falar sobre a festa com a pesquisadora. Somente três pais aceitaram ser entrevistados, mas mesmo assim falavam pouco.

Outra dificuldade enfrentada pela pesquisadora foi a permissão das pessoas para que fosse feita a observação participante da festa. Muitos negaram a realização de tal procedimento. Para conseguir tal feito, a pesquisadora teve que abordar os donos da

festa por meio de conhecidos em comum, caso contrário dificilmente teria acesso aos bailes.

Durante a observação participante, a presença da pesquisadora com gravador e câmara era questionada pelos convidados. Muitos a confundiram com fotógrafos e cerimonialistas. O estudo acadêmico ainda é pouco dominado pela sociedade brasileira, o que dificulta o acesso dos pesquisadores.

Como a coleta de dados se estendeu até janeiro de 2014, era difícil marcar as entrevistas por conta das férias escolares, momento no qual muitas famílias viajam. Além disso, durante o mês de novembro, muitas meninas realizaram vestibulares seriados e simulados, dificultando o agendamento das entrevistas.

Durante as entrevistas, as mães queriam participar juntamente com as filhas. A pesquisadora teve que explicar muitas vezes que era necessário ouvir as duas separadamente, contudo em algumas entrevistas as filhas “palpitaram” nas entrevistas da mãe e vice-versa.

A coleta dos dados documentais foi razoavelmente fácil, pois as debutantes e suas mães ficavam em excitação para mostrar as fotos, lembrancinhas, convites, vestidos, etc. Inclusive os DVDs da festa foram disponibilizados de forma autônoma pelos entrevistados, não sendo preciso que a pesquisadora os solicitasse.

Para a formação do *rapport*, a pesquisadora adicionou as debutantes em redes sociais, deu presentes às aniversariantes cujas festas foram feitas observação participante, conversou com os pais sobre suas vidas e fez as entrevistas nas residências dos entrevistados.

O tema do estudo intrigou os entrevistados, de forma que depois das entrevistas a pesquisadora teve que explicar de forma mais abrangente do que se tratava a pesquisa, inclusive com detalhes teóricos.

4 ANÁLISE DOS DADOS

4.1 A COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi realizada no período de outubro de 2013 a janeiro de 2014 e, como dito na metodologia, se deu em três métodos: entrevista (História Oral), observação participante e análise documental. No total foram realizadas 26 entrevistas, sendo duas entrevistas com seis debutantes (três de Maringá-PR e três de São Sebastião do Paraíso-MG), um total de doze, e 14 entrevistas com as pessoas indicadas pelas aniversariantes como fortes influenciadoras para a realização do baile.

Foram feitas duas observações participantes: uma em São Sebastião do Paraíso-MG e outra em Maringá-PR. Além da observação foram feitas entrevistas com as debutantes e as mães dessas. Isso porque as observações auxiliaram na melhor compreensão do baile, inclusive com pontos divergentes entre o discurso das entrevistadas e o que foi efetivamente observado, como por exemplo, a reação dos convidados.

Nas entrevistas realizadas com as debutantes, o pai e a mãe foram os mais citados como influenciadores. No entanto, não foi possível a entrevista com todos os pais. Estes, devido ao trabalho, não conseguiam agendar um horário possível para a entrevista, além de estarem menos dispostos a participar da pesquisa. Os homens quando entrevistados eram extremamente lacônicos em seus discursos e mostravam-se envergonhados. Isso pode ter acontecido devido ao fato da pesquisadora ser do sexo feminino, o que de certa forma constrangia os entrevistados.

Ainda, o baile de debutantes tem uma forte carga feminina, já que representa o rito de passagem da jovem mulher. Este fato pode ter sido também uma explicação para o constrangimento dos homens ao falarem sobre o assunto com a pesquisadora.

A análise documental compreendeu fotos e vídeos das observações, álbuns de fotografia, DVDs da festa disponibilizados pelas entrevistadas, convites, acessórios da festa como almofadas, livros/quadros de recados, lembrancinhas, entre outros.

Para melhor identificação e análise dos dados, os mesmos foram divididos em seis núcleos, que compreendem as seis festas estudadas. O centro desses núcleos são as debutantes.

Três debutantes entrevistadas residiam, como mencionado, na cidade mineira São Sebastião do Paraíso, enquanto que as outras três residiam no Paraná, em Maringá. Cinco debutantes tinham quinze anos à época da entrevista e uma tinha dezesseis anos.

Das festas analisadas, cinco foram realizadas no ano de 2013, enquanto uma foi realizada em 2011. Dessa maneira, foi respeitado o prazo de dois anos estipulado para o corte temporal na amostra.

Quadro 6: Perfil das debutantes

Debutantes	Idade	Ano da Festa	Localidade
E1	15 anos	2013	S. Seb. Paraíso – MG
E2	15 anos	2013	S. Seb. Paraíso – MG
E3	16 anos	2011	S. Seb. Paraíso – MG
E4	15 anos	2013	Maringá – PR
E5	15 anos	2013	Maringá – PR
E6	15 anos	2013	Maringá – PR

Fonte: Autora do trabalho.

Nesses núcleos, houve pessoas que influenciaram e se envolveram mais para a realização da festa, e outras menos. O grau de influência ficou dessa forma indicado: os balões em laranja representam o grau muito alto de influência, os balões em amarelo são de grau alto e, por fim, os balões em verde simbolizam o grau médio de influência.

Como um dos métodos escolhidos é a História Oral e essa compreende o estudo aprofundado de um momento da vida de um indivíduo (ALBERTI, 2004), as entrevistas com os outros agentes conseguem abarcar de forma mais evidente a dimensão social a qual a debutante pertence. Além disso, complementa a fala das aniversariantes, tendo em vista que os outros entrevistados são mencionados pelas debutantes como influenciadores para a realização da festa. Isso tudo para se buscar ao fim que se almeja com a História Oral: compreender o momento do baile de debutantes na vida das aniversariantes.

Em cada núcleo houve pontos importantes (ponto alto) para a pesquisa, que serão a seguir mencionados. Todavia, cumpre dizer que por ser determinado ponto

importante em um núcleo, não significa dizer que não apareça nos outros núcleos: ele é evidenciado, contudo não na mesma proporção daquele determinado núcleo.

O primeiro núcleo indicado por “NÚCLEO 1 – O Sonho da Avó” tem como centro a debutante E1. A festa foi realizada no dia 11 de Maio de 2013 em São Sebastião do Paraíso-MG. Esse núcleo compreendeu sete entrevistas: duas com a debutante e uma com cada um dos influenciadores indicados por ela (no total cinco), além da análise documental. Foi um núcleo bem acessível com o qual a pesquisadora pode coletar grande volume de material.

A aniversariante possui uma irmã mais nova que conta com 11 (anos) de idade. Ela está no primeiro ano do ensino médio e tem o piano como aula extracurricular.

O diferencial desse núcleo foi o fato da avó materna exercer grande influência para a realização da festa. A mãe e a debutante inicialmente não queriam o evento, pois ambas não se interessavam pelo mesmo e a debutante especificamente, por ser muito tímida, tinha receio em ser o centro das atenções. Contudo, a avó tinha como sonho o baile de debutantes, já que não pode fazer um para a filha única devido à negativa desta. Após muita insistência, a avó conseguiu realizar seu sonho com a festa de 15 anos para a neta. Inclusive, foi a avó que arcou com todos os custos e, auxiliada por uma cerimonialista, escolheu os detalhes da festa.

Figura 4: Entrevistados do Núcleo 1



Fonte: Autora do trabalho.

O “NÚCLEO 2 – A Debutante Independente” tem como centro a debutante E2. Foram feitas três entrevistas, duas com a aniversariante e uma com a mãe dela, além da análise documental. Esse núcleo também compreendeu a observação participante. A festa ocorreu no dia 19 de Outubro de 2013 em São Sebastião do Paraíso-MG.

A debutante desse núcleo tem um irmão mais velho que está com 18 (dezoito) anos. Ela está no primeiro ano do ensino médio técnico, cuja formação é em gestão.

Uma particularidade deste núcleo reside no fato da debutante ser totalmente autônoma quanto à contratação dos profissionais da festa, tanto que ela foi a única dentre as entrevistadas a ter preocupações financeiras. A entrevistada E2 faz curso técnico em gestão, podendo vir daí esse interesse econômico na festa, ademais sempre foi um sonho dela, portanto ela almejou e planejou a festa desde muito nova. Esse sonho advém das festas de suas primas em que ela foi. Diz a debutante que ela se espelhou nessas festas, pois nesses eventos percebia que os olhares eram todos voltados para a debutante, evidenciando dessa forma o momento especial que ele constituía.

Outro ponto crucial deste núcleo foi que durante a observação participante, foi possível observar a dança com os quinze casais, elemento citado como tradicional do cerimonial da festa de 15 anos de antigamente e que só foi observado nesse baile.

Figura 5: Entrevistados do Núcleo 2



Fonte: Autora do trabalho.

O “NÚCLEO 3 – A Festa Inesquecível” diz respeito a festa analisada com maior lapso temporal entre o evento e as entrevistas. Ela ocorreu em 12 de Novembro

de 2011 em São Sebastião do Paraíso-MG. Importante salientar que está dentro do prazo de dois anos que foi estipulado para a coleta de dados, ou seja, a menina tinha 16 anos quando da entrevista e a festa havia ocorrido há menos de dois anos quando da coleta.

A aniversariante tem um irmão mais velho de 22 (vinte e dois) anos, está no segundo ano do ensino médio e fez aulas de dança por muitos anos.

Esse núcleo se destaca devido ao fato da festa ser ainda comentada na cidade, haja vista que a cerimonialista do “NÚCLEO 1” e as outras aniversariantes entrevistadas mencionaram a reverberação causada pela festa desse núcleo. O evento foi lembrado como o mais caro do que a média e contou com todos os elementos mencionados como uma questão de status: o aluguel de dois salões, servir o jantar, bebida alcoólica liberada para os jovens, lembrancinhas de todos os tipos (foto de lembrança, chinelo, copo), decoração vibrante, aniversariante dançou coreografia com três homens que faziam show pirotécnico e liberação da entrada de não convidados. Outro ponto de diferenciação desse núcleo é que a festa foi temática, sendo que o tema foi borboleta.

O centro desse núcleo é compreendido pela debutante E3. Foram feitas quatro entrevistas, além da análise documental, sendo duas entrevistas com a aniversariante, uma com o pai dela e outra com a mãe.

Figura 6: Entrevistados do Núcleo 3



Fonte: Autora do trabalho.

O “NÚCLEO 4 – O Pai Emotivo” diz respeito à festa da debutante E4 que ocorreu em 25 de Julho de 2013. O que mais chamou a atenção nesse núcleo foi a ligação entre o pai e a filha. Apesar de diversos contatos, o pai da debutante não se disponibilizou para a entrevista. Contudo, observando o vídeo da festa e o discurso da

debutante, é possível perceber a carga emotiva do pai quanto à filha no momento do baile e vice-versa.

Importante dizer que é fato notório de análise a percepção de que o pai parece ser grande influenciador e não se predispõe a dar entrevista. Os pais não se sentem presentes efetivamente nos preparativos da festa, sendo que mencionam que ajudam apenas financeiramente e no momento da valsa. Dessa maneira, eles usam como justificativa que não vão contribuir de forma eficaz para o estudo e, assim, preferem permanecer inertes e se absterem de serem entrevistados.

A debutante desse núcleo é filha única e está no primeiro ano do ensino médio. Ela não citou nenhuma aula extracurricular.

A mãe foi quem planejou e organizou a festa, mas esta só ocorreu devido a um desejo da filha e do pai. Foram feitas três entrevistas: duas com a debutante e uma com a mãe. Também foi feita análise documental.

Figura 7: Entrevistados do Núcleo 4



Fonte: Autora do trabalho.

O “NÚCLEO 5 – A Festa Clássica” possui como centro a debutante E5. Foram feitas três entrevistas, sendo uma com a mãe da aniversariante e duas com esta, além, é claro, da análise documental. Esse núcleo também compreendeu a observação participante. A festa ocorreu no dia 16 de Novembro de 2013 em Maringá-PR.

A aniversariante tem uma irmã mais nova de 11 (onze) anos e está no primeiro ano do ensino médio, sendo que seu interesse maior é a moda, tendo inclusive um blog de comentários sobre o assunto.

Este núcleo permitiu que se verificasse todos os elementos tradicionais do cerimonial da festa de 15 anos, tendo em vista que, durante a observação participante, a pesquisadora pode verificar e compreender esses elementos, tais como, a entrega da boneca para a irmã mais nova, a joia dada pelas avós, a troca de sapato feita pelo pai, a valsa com o príncipe, as homenagens no telão dos pais, familiares e amigos, a troca do vestido e a coreografia feita com as amigas. O único elemento tradicional não verificado foi a valsa com os quinze casais.

Aqui, mais uma vez, foram entrevistadas somente a mãe e a debutante. Isso ocorre porque as mães são grandes influenciadoras para a realização do evento. São elas que verificam desde os preparativos ao andamento da festa, sendo citadas em todo o discurso das debutantes. Ademais, como elas estavam mais integradas ao baile, se mostram mais disponíveis para as entrevistas.

Figura 8: Entrevistados do núcleo 5



Fonte: Autora do trabalho.

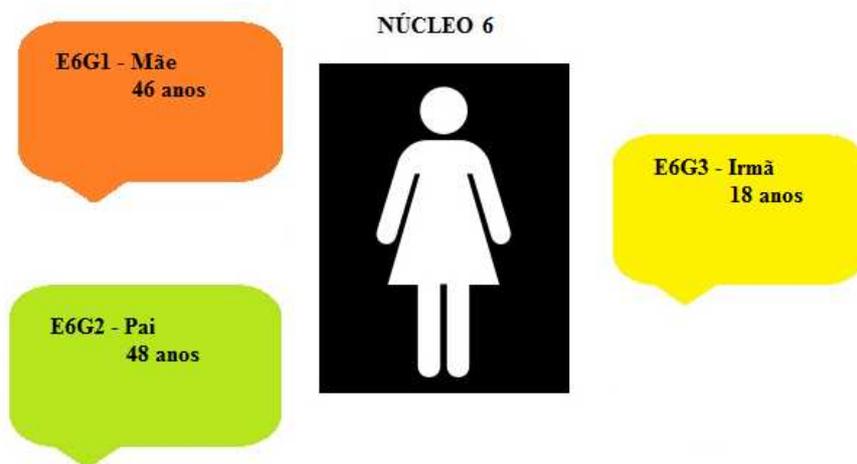
Por fim, o “NÚCLEO 6 – A Festa Parisiense” teve como centro a debutante E6. Foram feitas cinco entrevistas, sendo que duas foram com a aniversariante, uma com o pai dela, outra com a mãe e, finalmente, uma com a irmã. Insta dizer que foi feita análise documental também. A festa foi realizada no dia 27 de Abril de 2013 em Maringá-PR.

A debutante desse núcleo tem uma irmã mais velha que conta com 18 (dezoito) anos. Ela está no primeiro ano do ensino médio e não mencionou nenhuma aula extracurricular.

Este núcleo permitiu grande acesso às informações para a pesquisadora e, devido a isso, foi possível verificar alguns pontos relevantes ao estudo. O primeiro deles foi que a festa deste núcleo foi a única entre os pesquisados na qual o consumo de bebida alcoólica pelos menores de idade foi totalmente vetado, apesar de a festa ter sido realizada em uma casa noturna de Maringá-PR. Os adolescentes recebiam pulseiras que os identificavam como menores de 18 anos e, assim, os garçons não podiam servir bebidas com álcool a eles. Ainda assim, disse o pai, os adolescentes conseguiram se servir, pegando eles próprios as bebidas alcoólicas que estavam no piso superior, reservado somente para os adultos.

O segundo ponto foi o tema da festa ter sido Paris. Apenas essa e a festa do núcleo três foram temáticas. Outro ponto relevante foi que a debutante era a única entre as estudadas que tinha irmã mais velha e o que parece ter influenciado foi o fato da irmã ter feito festa de 15 anos influenciou bastante a realização da festa pela debutante. Inclusive, tomando como base a festa da irmã, a aniversariante escolheu o que deveria ou não ter na sua própria festa.

Figura 9: Entrevistados do núcleo 6



Fonte: Autora do trabalho.

Após a descrição dos núcleos, será mencionada como se deu a construção das categorias de análise, chegando-se assim a análise dos dados propriamente dita.

4.2 CATEGORIAS DE ANÁLISE

A partir do que foi coletado e para uma melhor fragmentação do material, foram estabelecidas categorias de análise. Para Rook (2007), os rituais são compostos por quatro elementos. 1- artefatos simbólicos; 2- roteiro; 3- papéis dos agentes; e, 4- audiência. Outro elemento é a repetição. Para ser caracterizado como experiência ritualística, é necessária a verificação de todos esses elementos em conjunto. Dessa forma, a primeira categoria diz respeito ao ritual, sendo que as subcategorias tratam dos seus elementos.

Cada elemento foi desmembrado, chegando aos seguintes componentes ou nós:

Quadro 7: Categorias de análise – elementos do ritual

Artefatos Simbólicos	<ul style="list-style-type: none"> • Bolo • Vestimenta (Vestido/Sapato) • Espaço da Festa (Salão, Buffet, Decoração – Telão, Clipe e Fotos) • DJ/Banda • Lembrancinhas • Príncipe • Dança (Valsa/Coreografia/15 Casais) • Boneca • Convite • Caderno/Quadro De Recados • Presentes (Joia)
Roteiro	<ol style="list-style-type: none"> 1 - Sequência de Ações da Festa 2 - Sequência de Ações do Cerimonial
Papéis dos Agentes	<ol style="list-style-type: none"> 1 - Função da Debutante 2 - Função do Pai 3 - Função do Príncipe 4 - Função de Outros Agentes
Audiência	<ol style="list-style-type: none"> 1 - Reação dos Convidados no Cerimonial 2 - Recados Deixados Pelos Convidados 3 - Comentários Posteriores à Festa 4 - Vestimenta dos Convidados 5 - Motivos dos Convidados Para Irem à Festa 6 - “Bicões” – pessoas não convidadas
Repetição	<ol style="list-style-type: none"> 1 - O Que Repete em Todas as Festas 2 - O Que Mudou das Festas de Antigamente Para as Festas Atuais

Fonte: Autora do trabalho.

A outra categoria de análise diz respeito aos significados da festa. O estudo do baile de debutantes permite a compreensão das mudanças dessa experiência ritualística a fim de descobrir as nuances culturais que influenciaram esse ritual ainda tão

importante na sociedade de hoje e de que forma as pessoas se comportam atualmente quanto a este evento.

Para tanto, essa categoria foi subdividida em quatro subcategorias:

Quadro 8: Categorias de análise – significados da festa

1 - Rito de Passagem Para a Debutante, Para os Pais, Para os Convidados
2 - Status por Meio do Consumo (Gastos na Festa)
3 – Questões Sociais

Fonte: Autora do trabalho.

A última categoria diz respeito às motivações para as pessoas irem ao baile de debutantes.

A partir de agora será feita a análise dos dados por meio dessas categorias, sendo que se procurará atingir o objetivo geral e os objetivos específicos delineados para esse estudo.

4.3 A ANÁLISE DA CATEGORIA RITUAL E SEUS ELEMENTOS

4.3.1 Artefatos simbólicos

4.3.1.1 Bolo

A primeira categoria analisada dentro dos artefatos simbólicos é o bolo. Este foi citado por todas as debutantes entrevistadas, afinal como lembrou a mãe do Núcleo 1, toda festa de aniversário tem como clímax a hora de cantar os “Parabéns”, apagar as velas colocadas sob o bolo e então começar a parti-lo. O interessante quanto à festa de 15 anos é que essa hora citada do bolo não se configura como clímax como nas outras comemorações de aniversário. Isto porque o cerimonial do baile de debutantes é repleto de simbolismos e outras intervenções, como a valsa com o pai, a coreografia dançada pelas amigas da debutante juntamente com ela e a entrega da joia.

Percebe-se a partir das entrevistas e dos vídeos que por mais que se tenha ressignificado o baile de debutantes como um rito de passagem, a festa de 15 anos ainda é repleta de simbolismos e protocolos que são passados de geração a geração e em regiões tão diferentes do Brasil, como as estudadas. Como disse Escalas (1993), o baile de debutantes representa o rito de passagem das meninas para a vida adulta na sociedade ocidental.

A cerimonialista do Núcleo 1 (entrevistada E1A5) citou até que houve meninas que não quiseram a festa de 15 anos como de costume e, sim, uma festa de aniversário comum.

“Algumas já fiz festa que a aniversariante queria apenas uma balada, um aniversário comum, como se ela não tivesse os quinze anos, mas a festa de aniversário”.

Questionada pela pesquisadora se essa prática era comum, ela respondeu:

“Algumas, é a minoria. Porque, é o que eu te falei, a maioria das festas acontecem porque está projetando a vontade da mãe. Normalmente é o sonho da mãe que está acontecendo. E já aconteceu festas da menina não querer nada, não queria nem a festa, e depois acabou tendo tudo que tinha direito. Vai também da gente usar psicologia, de ir contornando, de ir explicando e falando que festa também é da família, que é o sonho da mamãe, da vovó, que não custa...”

Ou seja, a festa tem um caráter especial e representa um marco não só para a menina, mas para toda a família. Como dito por E1A5, é por isso que o bolo é essencial na festa, mas não é o clímax do evento, tendo em vista que não é uma festa de aniversário comum.

Uma tendência mercadológica notada é a presença do bolo cenográfico, prática comum entre as festas atuais.

“Então eu mandei fazer o bolo, aquele bolo cenográfico...” E1

“Teve um bolo cenográfico...” E2

“Depois a gente foi cantar o parabéns, ficou eu, minha mãe, meu pai e meu irmão... Os barmans pegaram e levam a mesa com o bolo cenográfico.” E3

“O bolo a gente mandou fazer o decorativo, mas não foi bolo de sobremesa, foi aquele cream-cheese de frutas vermelhas.” E4

“Porque o bolo que estava na mesa...[...] Como eles falam, é... cenográfico.” E5F1

Apenas a debutante E6 não fez o bolo cenográfico:

“Ele teve acho que... Ele não foi bolo falso. Acho que tinha três andares, eu acho...”

Na observação participante, pode-se notar a presença do bolo cenográfico:

Figura 10: Bolo de debutante E2 – São Sebastião do Paraíso-MG.



Fonte: Autora do trabalho.

Figura 11: Bolo de debutante E5 – Maringá-PR.



Fonte: Autora do trabalho.

De acordo com a cerimonialista entrevistada, o bolo cenográfico é usado como uma forma de servir mais facilmente os convidados, pois já são entregues pedaços de bolo vindos previamente cortados da cozinha. Outra justificativa é o fato dele não estragar e de podê-lo manuseá-lo mais tranquilamente, ajudando na decoração.

O bolo é ainda um item essencial para a festa de 15 (quinze) anos, pois simboliza o aniversário. Tanto é que hoje se usa o bolo cenográfico como forma de tê-lo bonito no decorrer de toda a festa.

Nota-se nas fotos a presença sob o bolo da vela em forma dos “15 anos”. Mais uma vez denota-se a diferença dessa festa para com outros eventos analisados, pois em todos os lugares perceptíveis o grifo “15 anos” aparece, demonstrando assim que aquela festa é diferente, que ela é nominativa. Isso porque ao contrário do que se observa em outras festas de aniversário nas quais as velas do bolo normalmente representam a idade do aniversariante na forma somente numérica, os bailes de debutantes usam não só dos números, mas da palavra “anos”. Não se trata de um mero aniversário, são os “15 anos” da menina. Aqui o simbolismo é claro.

4.3.1.2 *Vestimenta (Vestido/Sapato)*

A questão do vestuário na festa de 15 anos trata de um dos artefatos simbólicos mais importantes, isso porque são citados por todos os entrevistados.

Um dos primeiros itens a se verificar para a composição da festa é o vestido. Isso é tão evidente que as cores dos vestidos são as mesmas da decoração do evento, ou seja, o vestido introduz a debutante ao baile a partir do momento em que a integra a todo o arranjo da festa. Aqui se percebe como o consumo delinea culturalmente a sociedade, haja vista que a partir dele você se diferencia do outro e, paradoxalmente, se associa a um grupo.

Quando a debutante escolhe a cor do vestido, ela busca se diferenciar das outras festas e convidados, para que seu momento seja único e particular. No entanto, ao buscar a cor perfeita que orne sua decoração ao seu vestido, a debutante age como todas as outras, seguindo aqueles mesmos padrões ritualísticos.

Quanto ao vestido, é importante mencionar como ele está diferente ao daquele usado nos bailes de antigamente. Isso pôde ser verificado no discurso da avó da E1, a pessoa mais velha entrevistada. Quando questionada quanto às mudanças das festas no decorrer dos anos, ela diz: “*Aqueles vestidos pareciam de noiva, uma coisa assim*”.

Os vestidos nos bailes de debutante eram brancos e compridos a fim de indicarem a “pureza”, a virgindade daquela menina que pela primeira vez teria contato com o sexo oposto (ESCALAS, 1993). Hoje, se usa no mínimo dois vestidos e a conotação é outra.

Os vestidos atualmente dizem respeito ao crescimento da jovem no decorrer das fases da festa. Conforme notado nas entrevistas o primeiro vestido, usado para recepcionar os convidados, representa a meiguice, a infantilidade da jovem. Tanto é que ele tem cores mais alegres e fortes e não é muito decotado.

Figura 12: Primeiro vestido de E4



Fonte: Autora do trabalho.

O segundo vestido, que é usado no cerimonial, principalmente no momento da valsa, representa o amadurecimento da menina, por isso ele sempre é longo. O terceiro vestido é considerado o da “balada”. É aquele mais curto, com muito brilho. Isso denota a liberdade que a jovem passa a ter, pois agora, após passar pelo cerimonial, ela não é mais uma menina.

Figura 13: Segundo vestido de E3



Fonte: Autora do trabalho.

Figura 14: Terceiro vestido de E4



Fonte: Autora do trabalho.

Essa demarcação entre as fases da festa e os vestidos é expressiva, tendo em vista que das seis debutantes entrevistadas, apenas a E1 teve dois vestidos. Todas as outras usaram três vestidos.

Nos antigos bailes de debutantes, conforme discursos dos entrevistados, as jovens usavam o mesmo vestido, que era muito parecido com o aquele usado pela noiva no casamento. Com os anos, passou-se a usar dois vestidos, um que representava a debutante enquanto menina e outro que representava o seu amadurecimento. Hoje o terceiro vestido traz consigo a ideia de liberdade, justamente por ser mais despojado e curto. Uma interpretação é a de que a sociedade mudou e hoje a mulher não tem como único objetivo um bom casamento, busca-se a liberdade feminina, tão procurada pelas feministas no século passado.

A liberdade feminina permeia o vestuário, o gestual, a profissão, enfim, todos os aspectos da vida das mulheres. A sociedade atual busca consolidar o papel da mulher no mundo de hoje.

Além dos vestidos das debutantes, existem os vestidos das meninas que compõem os quinze casais ou que dançam a coreografia com as aniversariantes. Os vestidos são encomendados e são exatamente os mesmos. Nesse ponto, além do artefato simbólico, é possível notar a questão da audiência. Os convidados consomem a festa, mas também são consumidos por ela, tanto é que ajudam na decoração, como é o caso dessas meninas que usam o mesmo vestido.

Quanto ao sapato, ele é citado por alguns entrevistados como artefato do cerimonial, indicando que agora a menina pode usar sapato de salto alto e, assim, denotando o seu crescimento. No entanto, este item do ritual já não é mais tão utilizado uma vez que as meninas já usam salto antes dos 15 anos. A única debutante que foi calçada com sapato de salto pelo seu pai durante o cerimonial foi a entrevistada E5.

Figura 15: Troca de sapato no Cerimonial do Baile de E5



Fonte: Autora do trabalho.

4.3.1.3 Espaço da Festa (Salão, Buffet, Decoração – Telão, Clipe e Fotos)

O espaço da festa é de suma importância para os entrevistados. Quando eram questionados acerca daquilo que eles achavam que não poderiam faltar em um baile de debutantes, de forma unânime respondiam: salão, buffet e decoração. Isso demonstra

que aqueles que seriam os artefatos primordiais para a caracterização do ritual, como o vestido ou a valsa, deram lugar àqueles promovidos pela indústria de eventos.

Uma das entrevistadas, a E1A2, critica esse posicionamento atual, dizendo que o significado do baile como rito de passagem deu lugar a uma festa grandiosa, na qual foram inseridos artefatos supérfluos para a formação do ritual.

“Eu acho assim,[...]uma coisa que eu venho pontuando muito ultimamente é que, ainda que você faça uma comemoração e que pode até ser muito bem feita, muito elaborada, como a da E1 foi, que o apelo do consumo é muito importante nesses casos. Porque a gente vem vendo festas, das amigas da E1, que custaram cem mil reais, que custaram sessenta mil reais...Aí você vai ver, por que que custou? “Ah, porque alugou cadeiras de cristal”. “Ah, porque comprou cinco brindes pro final”. “Ah, porque tinha roupão”. “Porque tinha chinelo”. Eu acho que isso descaracteriza a festa. E é puro consumismo. Então, existe uma indústria atrás disso, que tenta sempre, apela sempre. [...] E o que a gente precisa? A gente precisa de consumir pra gerar. Em todos os setores. Essa é mais uma indústria, a festa, hoje, virou uma indústria, de fato. Até há um tempo atrás, ela não tinha essa cara de indústria, mas hoje ela tem. Então eu preciso vender. E aí eles vão te colocando um milhão de coisas que, na maioria das vezes, não são necessárias. Eu ia dizer que não necessariamente são importantes. Não são importantes. Inclusive fica muito dispendioso, mas inclusive elas vão atrapalhar o andamento da festa. Então, nesse caso de festa, de quinze anos, eu acho que, às vezes, menos é mais. Acho que não ceder totalmente ao apelo consumista, ou tentar sempre colocar um...“Mas pra que eu vou usar isso?”, “Do que isso vai mudar a festa?”. Sabe, questionar...Fazer questionamentos...Não ir aceitando tudo... Isso eu acho legal, acho importante.”

Percebe-se com tal crítica que o significado do baile de debutantes como rito de passagem ainda é importante e incomoda algumas pessoas quando não observado, ou alterado. No entanto, é necessário também dizer que, apesar da indústria de eventos que influencia o comportamento dos consumidores, um ritual mantém certos elementos, mas não tem como se manter intacto no decorrer dos anos. Novos artefatos vão sendo introduzidos em detrimento de outros e isso acontece pela própria evolução da sociedade. Exemplos disso são o clipe e o telão. Em todas as festas estudadas, esses dois itens estiveram presentes. Aliás, são citados como primordiais, antes até da valsa.

O clipe que mostra fotos da debutante desde o nascimento até os quinze anos tem a função de marcar o crescimento da jovem mulher, ou seja, é o rito de passagem. Como a sociedade contemporânea é do espetáculo, totalmente visual, foi necessário introduzir um novo artefato simbólico. O ritual não pode ser dissociado do momento cultural atual da sociedade. O significado ritualístico está lá, só demonstrado de forma diferente.

4.3.1.4 DJ/Banda

A contratação do DJ, o que ocorre com maior frequência (no caso em quatro das seis festas estudadas), ou de uma banda, também é um artefato muito citado pelos entrevistados, afinal não tem como haver uma festa sem música.

O DJ tem grande importância para o cerimonial da festa, pois é ele que instala o telão, passa o clipe, indica a música para o momento da valsa. Por estar associado a essa fase da festa, sua contratação é sempre lembrada quando questionado o que não deveria faltar em uma festa de 15 anos.

A presença de uma banda no baile traz a festa uma certa sofisticação, sendo mencionada como uma questão de status, isso devido ao valor mais elevado pago em sua contratação em comparação ao DJ. Somente as debutantes E4 e E6 contrataram banda para as suas festas.

Figura 16: DJ com a debutante E2



Fonte: Autora do trabalho.

4.3.1.5 Lembrancinhas

É comum ao final das festas de aniversário, os convidados ganharem algo para lembrarem daquela celebração. Esses pequenos presentes são chamados de “lembrancinhas”.

Nos bailes de debutantes do passado, de acordo com as mães e avó entrevistadas, as lembrancinhas eram dadas ao final da festa e eram algo simples, como um chocolate ou um outro doce. Hoje, as lembrancinhas são dadas durante toda a festa, como chinelos, copos, fotos e almofadas. Ainda têm os adereços dados após o cerimonial como plumas, máscaras, pequenas luzes, entre outros. Ao final, muitas dão doces em pequenas caixas como lembranças, mas outras preferem chaveiros ou fotos.

O que é possível perceber é que aquilo que antes era simples e muitas vezes feito à mão, agora é elaborado, feito por empresas especializadas. Mais uma vez é possível perceber como o baile de debutantes foi abarcado pela indústria de eventos.

Outra questão das lembrancinhas é o status: quanto mais diferenciadas e em maior número forem, mais a festa será comentada e prestigiada pelos convidados.

Vê-se aqui como a sociedade contemporânea é constantemente ligada à ideia de consumo. As sociedades humanas consomem para poderem se reproduzir física e socialmente, através da manipulação de artefatos e objetos da cultura material para fins simbólicos de diferenciação, atribuição de status, pertencimento e gratificação individual (BARBOSA, 2010). As lembrancinhas representam a integração dos convidados à festa bem como a afirmação da debutante e sua família no sentido de que eles podem pagar por tudo aquilo.

Figura 17: Copo dado na festa de E4



Fonte: Autora do trabalho.

Figura 18: Almofadas da festa de E3



Fonte: Autora do trabalho.

Figura 19: Chinelo da festa de E6



Fonte: Autora do trabalho.

Figura 20: Mesa de lembrancinhas de E2 (pães-de-mel)



Fonte: Autora do trabalho.

Figura 21: Mesa de lembrancinhas de E5 (chaveiro de um sapato de cristal)



Fonte: Autora do trabalho.

Assim como o vestido, as lembrancinhas acompanham a cor da decoração da festa, o que é mais um comportamento ritualizado, no qual tudo deve se integrar ao evento.

4.3.1.6 Príncipe

Um ponto curioso observado na pesquisa é a figura do príncipe, ainda muito presente nos bailes de debutantes. Após a valsa com o pai, a menina é entregue a um rapaz que a conduz em uma segunda dança. Este nunca é um namorado, e sim um primo ou um amigo da debutante, ou de sua família. Isso sugere que há planejamento e dessa maneira, pouca espontaneidade.

Quadro 9: Núcleos

Núcleos	Sobre o Príncipe
1	<p>“E aí depois vieram minha mãe, meu pai, meu avô, minha avó, e minha madrinha e o meu padrinho, e eu e um primo meu.” E1</p> <p>“Ah, teve da valsa. Que eu tinha uns amigos, o meu primo... Só que, sabe, eu não achava nem muito assim. Eu acho que cheguei a falar disso, do príncipe, da valsa...” E1</p> <p>“Sei lá, eu não tinha escolhido ninguém pra ser. E pra mim eu ia dançar só com... Eu queria dançar só com os meus avós e com o meu pai. Aí minha mãe falou que não, que quando era assim, que tinha os quinze casais... que tinha que pelo menos dançar, cada um que dançou comigo dançar com a mulher. Por exemplo, meu avô e minha avó, meu padrinho e minha madrinha. Aí, no dia, um primo meu, meio de longe, que veio, foi meio que na hora que decidiu que ele iria ser o príncipe...” E1</p> <p>“Porque era tudo uma coisa pensada, previamente pensada. Que ela tinha que dançar a valsa, com fulano, cicrano, beltrano...” E1A2</p> <p>“É, príncipe que eu falo é assim, um amigo dela que foi dançar valsa com ela. Ele é arrumadinho, ele é de... meu deus do céu... Ele não é daqui de Paraíso, ele é filho de uma amiga nossa... De Barretos.” E1A3</p>
2	<p>“Eu vou dançar com meu primo Augusto, meu irmão vai dançar com, digamos, minha melhor amiga Priscila...” E2</p>
3	<p>“Porque aí depois a gente compensou com o Artur, que foi meu primo, que foi meio que o meu príncipe mesmo.” E3</p> <p>“Porque ele é mais a minha idade, ele é um ano só mais novo, mas ele cresceu comigo, a gente sempre foi muito amigo, foi muito próximo, nós dois.” E3</p> <p>“Chamaria. Mas, assim... eu... De primeira eu não tinha pensado no meu primo porque eu achei que ele não fosse querer. Aí minha mãe até queria que eu chamasse um amigo meu, que era muito amigo, na época, e sempre foi muito bonitinho, ele. Sabe? O Luís Henrique ((risos)), minha mãe queria que eu chamasse ele. Aí eu estava falando com a minha mãe e eu falei de brincadeira “ah, mãe eu vou chamar o Tutu”. Aí ela “ai, Tutu”. Aí deu certo, chamei, ele não queria aceitar mesmo... porque ele é tímido... mas ele acabou aceitando porque era eu.” E3</p> <p>“Então, porque faz parte do...do...Porque o dela não ia ser diferente, assim. Porque tem umas que pulam a valsa, que pulam isso, que pulam aquilo...O dela não, o dela estava seguindo todos os protocolos lá. Então tinha que ter esse príncipe.” E3C1</p>
4	<p>“Ah, acho que era porque ele é muito próximo e ele tem cara de príncipe, loiro do olho azul, daí eu ‘não, é você!’” E4</p> <p>“É, uma coisa assim... Não tinha como não ter parabéns, é pra cumprir tabela, como diz o outro. A valsa, todo quinze anos tem que ter a valsa. Ela dançou com o príncipe, dançou com o meu marido e, mesmo ainda, ainda teve a valsa. Aí a gente teve a preocupação de ela dançar a valsa com os homens da família, os tios, os primos...” E4D1</p>
5	<p>“Ah, não sei... Não pode faltar...Não é príncipe. Nenhuma das festas que eu fui tinha príncipe, eu não queria que tivesse na minha. Não queria, porque isso é constrangedor.” E5</p> <p>“Olha, as homenagens tinha que ter, não podia faltar. A troca da boneca...Que, na verdade, quinze anos é isso, ela está passando da idade de criança pra uma idade mais adulta. Porque, antigamente, quinze anos já poderia se casar. E é uma data que a gente está apresentando ela para os meninos. Por isso que fala do príncipe, que o pai entrega pro príncipe, que é a data que a gente pode já autorizar ela namorar!” E5F1</p> <p>“Ah, tinha que ter, né? Tinha que ter. Pelo menos eu acho que...Ela...ela queria outro príncipe. Ela queria um... né? Mas é o príncipe que eu pude arrumar ((risos)). E todas as meninas acharam bonito, menos ela. Mas tudo bem. Eu achava que tinha que ter. E foi difícil pra convencer ele também, porque ele é tímido.” E5F1</p>
6	<p>“Eu entrei com meu príncipe...” E6</p> <p>“Porque meu primo mais novo eu não queria, daí eu peguei ele ((riso)).” E6</p> <p>“O príncipe foi o primo dela, que desde a Taís ele que foi o príncipe...então é o primo mais velho. Para simbolizar a família...então foi bem escolhido.” E6G1</p>

Muitos dos entrevistados afirmaram que se perdeu aquele sentido do baile de debutantes de apresentar a filha à sociedade, sendo que a partir daquele momento ela

poderia interagir com o sexo oposto. No entanto, a figura do príncipe contradiz esse posicionamento, tendo em vista que ele representa justamente essa primeira interação da menina com o outro sexo.

De acordo com os relatos, o príncipe deve ser bonito e normalmente alguém mais velho. Esse fato é curioso, pois na sociedade contemporânea, na qual as mulheres são educadas para serem independentes, ainda impera aquele sonho, mesmo que inconsciente, de um bom casamento. Ainda existe aquele ideal de um conto de fadas, no qual a debutante, como princesa, deve ser acompanhada de seu príncipe.

“Talvez porque...Por causa do momento, né? Uma festa de quinze anos está ligado muito com coisa de princesa, uma coisa assim...Uma menina despertando pra vida, aquela coisa toda. Acho que tem todo um sentido ligado à festa de quinze anos. Entendeu? É um sonho. Acho que aquilo ali é um sonho. Então existe isso, essa ligação de ter que ter um príncipe. Ela, por exemplo, poderia ter colocado os quinze casais. Ela não quis. Eu respeitei isso.” E1A3

Um ponto interessante é a escolha entre um primo ou um amigo, e nunca um namorado, isso ocorre porque a jovem com quinze anos ainda é vista como muito nova para namorar.

“Ah, depende do namorado. Se fosse um namorado mala, eu não ia ficar muito satisfeito. Como noventa e nove por cento é mala...Não, estou brincando. Eu acho, assim, naquela idade ter um namorado a ponto de dançar a valsa, eu acho meio...cedo. A única coisa que eu ia achar era isso, estava meio precoce.” E3C2

Ou porque a família quer evitar que o namorado atual, que provavelmente não será o marido, tendo em vista que a jovem ainda vai namorar muitos outros até se casar, não apareça registrado neste momento tão importante da festa, pois se o for, será lembrado no vídeo, nas fotos e na memória das pessoas atrelado a esse momento tão especial da aniversariante, conforme disse E3C2.

Apesar de não ser ainda muito frequente, as debutantes ambicionam dançar com um príncipe famoso, ou seja, contratar um ator, cantor ou modelo.

“O sonho de consumo dela era o Caio Castro. Falei “filha, fora da realidade”. Ainda mais agora, o cachê dele lá em cima [...]. E até no último instante ela achou que a surpresa era o Caio Castro na festa dela ((risos)). Aí a gente...Enfim, foi atrás de parente porque...Vai no álbum, tudo, sempre que olha “ah, quem é?”. Então uma pessoa estranha...nenhum dos primos deram certo. O primo que seria pra ser ele, porque é um príncipe mesmo, coisa mais linda do mundo, a mulher não deixou.” E4D1

A figura do príncipe é uma das mais intrigantes do baile de debutantes atual, pois trata de vários simbolismos, muitos deles de sociedades antigas, mas ainda muito presentes na sociedade contemporânea.

Um outro ponto interessante a ser abordado aqui é a influência da mãe no baile de debutantes. Em um olhar superficial, percebe-se que a mãe tem pouca notoriedade no momento do cerimonial da festa, já que é o pai que conduz a jovem pelo salão e dança a valsa com ela. Entretanto, quando dos preparativos do evento, a opinião da mãe é sempre seguida pelas filhas. É o que se vê na questão do príncipe: pelas debutantes o príncipe é opcional, enquanto que para as mães é imprescindível.

4.3.1.7 Dança (Valsa/Coreografia/15 Casais)

A valsa é o símbolo mais antigo e mais forte do baile de debutantes. Entrevistados citaram que uma festa de 15 anos sem valsa é muito estranha, foge muito dos protocolos do ritual.

Esse é o momento ápice do cerimonial, no qual a debutante dança a valsa com seu pai, seu príncipe, seu irmão, seu avô, seu tio e seu padrinho. A única figura feminina da família a despontar naquele momento é a debutante.

As valsas ainda são dançadas com as músicas clássicas desse estilo musical, mas hoje há a preocupação com sua coreografia, por isso muitos pais ensaiam com suas filhas meses antes da festa, e com um profissional qualificado. Quando é possível, os outros homens que dançam com a debutante também são ensaiados.

Há uma variação da valsa atual, chamada “valsa maluca”. O pai e a filha começam a dançar a música tradicional e no meio da dança, eles fazem uma coreografia com uma música atual, do estilo *pop*. Quando isso ocorre, os convidados interagem muito com o cerimonial, isso devido à estranheza causada pelo fato do pai dançar uma música atual.

Algumas meninas ainda optam pela valsa dos quinze casais: a debutante e seu príncipe, mais catorze casais de amigos e familiares, todos com idade aproximada à da aniversariante dançam juntos uma valsa. Esse tipo de cerimonial ocorre com mais frequência na cidade do estado de Minas Gerais e nem tanto naquela do estado do

Paraná. Isso pode se dar pelo fato de que os quinze casais são mais tradicionais, comuns em bailes de debutantes das décadas passadas, e como a cidade mineira é mais antiga, algumas tradições se mantiveram.

Quando não há os quinze casais, normalmente há uma coreografia na qual a debutante participa acompanhada de algumas amigas ou de bailarinas profissionais. O mais comum é a participação de amigas. Dificilmente o momento da dança se restringe à valsa com o pai, sendo comum a coreografia de uma música mais atual.

4.3.1.8 Boneca

Existe uma tradição antiga nos bailes de debutantes em que a debutante, no momento do cerimonial, entrega uma boneca para sua irmã mais nova, simbolizando que a aniversariante já não é mais menina, conforme o discurso dos entrevistados. Isso não ocorre com muita frequência atualmente, somente em festas em que as mães exigem todos os protocolos do ritual.

Das festas pesquisadas, somente uma teve a entrega da boneca, a da debutante E5. A mãe exigiu a presença da boneca no cerimonial.

Figura 23: A boneca entregue na festa de E5



Fonte: Autora do trabalho.

4.3.1.9 Convite

Os convites não seguem um padrão, ficando a cargo do gosto e da criatividade da debutante e sua mãe bem como das opções oferecidas pelas gráficas. Eles acompanham o tema e as cores da festa.

São enviados junto com os convites, outros menores e individuais. Algumas vezes são em forma de pulseiras, para que os convidados possam entrar e sair da festa, como ocorreu no caso da festa de E2:

Figura 23: Pulseira individual de entrada da festa de E2



Fonte: Autora do trabalho.

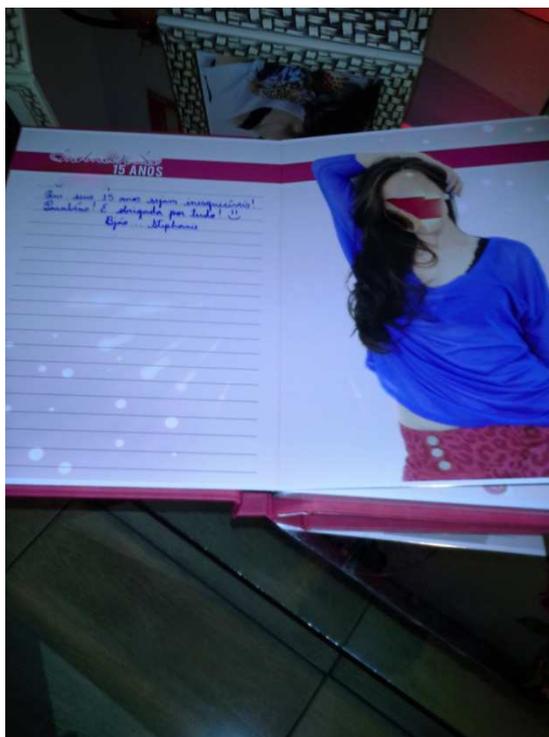
Como o convite é o “cartão de visitas” da festa, quanto mais elaborado, mais indica que a festa será suntuosa. A questão do status começa pelo convite, conforme se identificou nas entrevistas com as mães e debutantes, notadamente as do Núcleo 6.

4.3.1.10 Caderno/Quadro de Recados

Em algumas festas existe um caderno ou um quadro no qual os convidados deixam mensagens de felicitações para as debutantes. Estes, após a festa, são guardados pelas aniversariantes como forma de se lembrarem de quem esteve presente em sua festa.

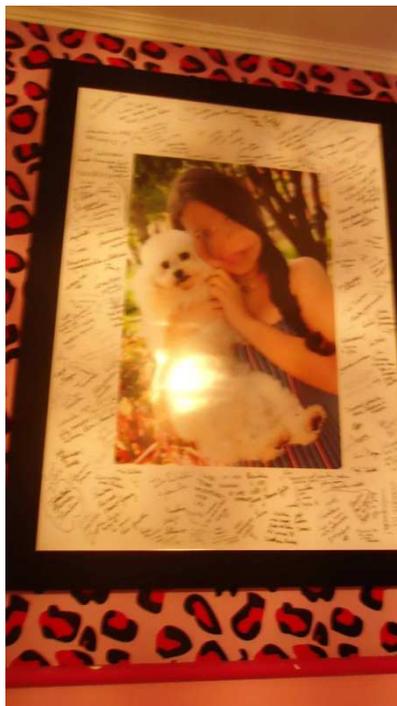
Um fato interessante acerca desses artefatos é que as debutantes ficam chateadas quando “penetras” de suas festas escrevem no caderno ou no quadro. Aqui se vislumbra a importância da audiência para esse ritual, pois as debutantes podem até aceitar que pessoas estranhas entrem em sua festa, mas não admitem que elas escrevam em artefatos que irão guardar por toda a vida.

Figura 24: Caderno de recados de E2



Fonte: Autora do trabalho.

Figura 25: Quadro de recados de E3



Fonte: Autora do trabalho.

4.3.1.11 Presentes (Joia)

Os presentes dados nos bailes de debutantes normalmente são algo de perfumaria ou algum enfeite para o quarto, como uma almofada ou um porta-retratos. Eles são deixados em um lugar separado da festa e os nomes dos convidados que os deram são anotados em suas embalagens.

As debutantes não esperam ganhar nada muito especial de seus convidados, a não ser de familiares mais próximos, como pais, avós e tios. Estes, por sua vez geralmente, presenteiam a aniversariante com uma joia.

Aliás, durante o cerimonial, as debutantes são presenteadas com alguma joia, normalmente um anel ou colar. Eles são entregues pelos pais ou avós. Em todas as festas estudadas, houve esse protocolo do ritual.

Identificou-se nesse estudo que a entrega da joia está ligada ao amadurecimento da jovem, que, agora, reconhecida pela sociedade como uma mulher, está apta a usar joias. Além disso, as joias são presentes duradouros e que, portanto, ficarão para sempre como lembranças daquele dia especial.

Figura 26: Joias entregues a E5 pelas avós na festa



Fonte: Autora do trabalho.

Figura 27: Anel entregue a E2 pelos pais na festa



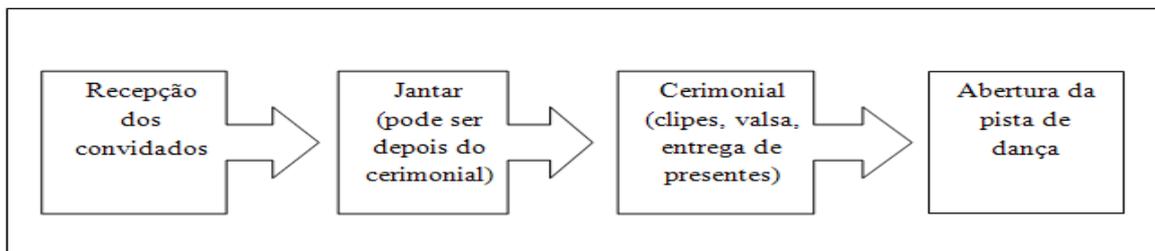
Fonte: Autora do trabalho.

4.3.2 Roteiro

4.3.2.1 Sequência de Ações da Festa

As entrevistas e as observações participantes mostraram que em todas as festas os entrevistados disseram que existia um roteiro a ser seguido, evidenciando uma clara sequência de ações. Normalmente as fases da festa eram roteirizadas dessa forma:

Figura 28: Roteiro das festas de 15 anos



Fonte: Autora do trabalho.

As fases da festa são acompanhadas pelas trocas de vestidos. Assim, durante a recepção dos convidados até o cerimonial, as meninas usam o primeiro vestido. No cerimonial, as debutantes usam o segundo vestido, sendo que na abertura da pista de dança as jovens trocam novamente de roupa.

Além dos vestidos, as fases da festa são marcadas pelas músicas. Dessa maneira, até o cerimonial, as músicas são mais calmas. No momento do cerimonial toca-se a valsa e, então, com a abertura da pista, as músicas passam a ser mais agitadas.

A questão do roteiro é tão importante, que durante a observação participante da festa da debutante E2, a pesquisadora teve acesso a um roteiro elaborado pela cerimonialista do baile. Nele o evento é dividido em nove partes, sendo elas:

- 1ª parte: recepção dos convidados; pista aberta de comida de buteco às 9:30; ajustes finais com a troca do segundo vestido.
- 2ª parte: entrada dos familiares e casais; abertura do cerimonial de 15 anos.
- 3ª parte: entrada da debutante; homenagem feita pelo pai; entrega do anel.
- 4ª parte: valsa; dança com os casais.
- 5ª parte: brinde.
- 6ª parte: clipe.

- 7ª parte: fotos na pista com todos.

- 8ª parte: parabéns na mesa do bolo; corte simbólico do bolo; sessão de fotos com a família.

- 9ª parte: troca do 3º vestido; início da balada; adereços da pista.

Como se pode notar, de uma forma geral, a festa seguiu aquele mesmo roteiro mencionado anteriormente. O que mudou foram as etapas do cerimonial, o que acontece de festa para festa.

4.3.2.2 Sequência de Ações do Cerimonial

Cada festa tem uma sequência fixa para o momento do cerimonial: a entrada da debutante, o clipe no telão, a valsa com o pai e depois com o príncipe, os parabéns junto ao bolo, a entrega da joia e o brinde. No entanto, alguns bailes sofrem acréscimos como a valsa da debutante com os quinze casais, ou a coreografia dançada somente pela aniversariante ou dela com as amigas, ou ainda a coreografia realizada por bailarinas profissionais e a debutante não participando, ou até mesmo a entrega da boneca e a troca do sapato.

Essa diferenciação ocorre principalmente por uma questão financeira, já que uma coreografia com bailarinas profissionais é evidentemente mais cara que uma coreografia da debutante com suas amigas.

Esses acréscimos denotam a espetacularização atual do baile de debutantes, isso porque uma análise mais profunda evidencia que a coreografia em si não tem outra função a não ser entreter a audiência.

Quanto à entrega da boneca e à troca do sapato, esses são acréscimos antigamente utilizados e que hoje dificilmente são evidenciados, sendo que durante a pesquisa somente a festa da debutante E5 adicionou-os no cerimonial do baile. É o mesmo caso da dança dos quinze casais, elemento tradicional do cerimonial da festa de 15 anos e que hoje dificilmente se concretiza nos bailes, segundo a cerimonialista entrevistada.

4.3.3 Papéis dos Agentes

4.3.3.1 *Função da Debutante*

A debutante é o centro de todo o ritual. Sem ela, não há festa de 15 anos, até porque todo o evento diz respeito ao seu crescimento, à nova etapa de sua vida que se inicia.

As funções da debutante durante a festa são bem claras e definidas: ela deve primeiramente receber os cumprimentos dos convidados, bem como os presentes que eles lhe oferecerem, trocar de roupa no mínimo duas vezes, dançar a valsa com o pai e com o príncipe e partir o bolo. Novamente aqui, se a jovem não cumprisse com essas ações pré-determinadas, os convidados se surpreenderiam. Tanto é que a debutante E1, apesar de ser muito tímida, dançou a valsa com o príncipe escolhido pela mãe. Da mesma forma, a debutante E5 não queria que houvesse a figura do príncipe, mas acabou dançando a valsa com ele durante o cerimonial de seu baile.

Importante dizer que a mãe da aniversariante é a que mais exige da filha que ela cumpra todas as suas funções dentro do ritual. A questão da mãe da debutante será abordada no item acerca das funções dos outros agentes.

4.3.3.2 *Função do Pai*

O pai, durante o cerimonial do baile de debutantes, é o que mais aparece, perdendo em destaque somente para a aniversariante. O fator mais intrigante é que o pai não exerce normalmente tanta influência nos preparativos da festa quanto à mãe, além de custeá-la, mas é ele que tem o papel mais definido durante a realização do evento.

Esse fato pode ter origem nos primórdios do ritual, quando a sua função principal era apresentar a filha à sociedade em busca de um bom casamento, e como na época a mulher era submissa ao marido, que exercia todo o comando da família, quem deveria fazer essa apresentação era o pai. Esse protocolo resistiu às mudanças

enfrentadas pela sociedade a tal ponto que ainda hoje o pai é quem dança a valsa com a filha no momento do cerimonial.

O papel do pai é tão enraizado ao rito que se fosse a mãe a conduzir a filha na valsa, os convidados não entenderiam tal atitude e, provavelmente, ficariam perplexos com a situação. Isso ocorre porque os papéis dos agentes em um ritual são roteirizados, como se fosse uma peça de teatro, sendo desempenhados com formalidade, seriedade e intensidade interior (MOWEN; MINOR, 2003). Assim, qualquer mudança no roteiro causa estranheza, já que as pessoas já esperam uma ação determinada.

4.3.3.3 Função do Príncipe

O príncipe é uma figura interessante dentro do baile de debutantes. Isso porque sua função abarca o amadurecimento da jovem, que agora tem a idade suficiente para a interação dos gêneros, no entanto, em nenhuma das festas pesquisadas o príncipe era um namorado da debutante, e sim um primo ou um amigo. Isso demonstra mais uma vez a espetacularização da festa, que conta com a figura do príncipe apenas como um adorno da debutante no cerimonial. Tanto é que, como já dito, o príncipe deve ter boa aparência. É a “coisificação” do ser humano para tratá-lo como artefato simbólico, daí o porquê de muitos entrevistados ignorarem a função do príncipe, alegando somente que sua figura é importante porque é preciso seguir o protocolo do evento.

4.3.3.4 Função de Outros Agentes

Existem outros agentes que, apesar de não serem tão notados durante a festa, também têm suas funções bem definidas no ritual. O primeiro deles é a mãe.

A mãe da debutante é a responsável por perpetuar os simbolismos do ritual, afinal se ela exigir que tenha algo na festa, como a dança com o príncipe, a filha terá que acatar. Em outras palavras, a mãe é quem valida o roteiro do baile de debutantes. Tal fato é explicado pela vivência anterior da mãe com a festa de 15 anos. O pai quando jovem pode ter frequentado ou até dançado em alguns bailes de debutantes, mas a mãe o

vivenciou em todos os seus detalhes, seja por uma amiga, uma irmã ou por ela mesma. A festa de 15 anos é por excelência um ritual feminino.

Outro agente que tem função semelhante à mãe é a avó. Ela também já vivenciou o baile, mesmo que de forma diferente, e então confere se todos os protocolos estão sendo seguidos. Todavia, a avó é mais flexível quanto a eles do que a mãe, pois a diferença entre sua geração e a da neta é mais acentuada, assim ela aceita mais fácil a ressignificação do ritual, já que não sabe muito bem o que ainda se usa ou não.

Nesse ínterim, a cerimonialista tem a função de indicar à mãe e à avó os protocolos que devem ser seguidos, além de manter a harmonia entre eles durante o decorrer da festa.

Existe outro agente citado pelas debutantes que tem sua função definida: as irmãs. Quando essa é mais velha que a aniversariante, ela serve como padrão para a irmã mais nova, e a auxilia bem como a mãe nos preparativos da festa. Quando a irmã é mais nova, ela não auxilia tanto.

4.3.4 Audiência

4.3.4.1 Reação dos Convidados no Cerimonial

A reação dos convidados diverge muito sob o ponto de vista dos discursos dos entrevistados e sob aquilo que foi analisado pela pesquisadora na observação participante. Quando questionados sobre isso, os agentes respondiam que os convidados ficaram animados, reagindo com grande excitação durante todo o cerimonial.

Na observação participante feita na festa da debutante E2, os convidados ficaram atentos à entrada da debutante e dos quinze casais, e durante a exibição do clipe nos primeiros dois minutos deste (no total eram sete minutos). Em todo o resto do cerimonial, os convidados mais jovens estavam conversando entre si ou se servindo do *buffet*. Ainda permaneceram atentos os convidados mais velhos, principalmente da família, contudo sem mostrar interesse. Já na observação participante feita na festa da

debutante E5, o mesmo ocorreu, contudo como haviam poucos convidados jovens, a plateia permaneceu atenta por mais tempo.

A pesquisadora observou que os cliques que são exibidos no cerimonial estão cada vez mais longos, o que entedia os convidados. Se fossem mais pontuais, talvez a plateia permanecesse mais atenta. Outro ponto é que quanto mais acréscimos são feitos no cerimonial, como coreografias, mais desatentos ficam os convidados, já que é necessário ficar um longo período em pé.

O que se nota é que os convidados mais velhos, notadamente a família, tem uma relação mais íntima com o rito de passagem, porque presenciaram o crescimento da debutante, enquanto que os convidados jovens não têm esse mesmo vínculo. Isso explicaria o porquê daqueles ficarem mais atentos ao cerimonial do que estes.

4.3.4.2 Recados Deixados Pelos Convidados

O que se observa durante o cerimonial acerca dos convidados, acontece da mesma forma quanto aos recados deixados para a debutante no caderno ou no quadro. Os familiares escrevem recados mais longos e elaborados, enquanto que os jovens são sucintos e escrevem recados muito homogêneos entre si. A explicação para isso pode ser devido ao fato daqueles terem maior ligação ao baile enquanto rito de passagem.

Um fato curioso coletado na pesquisa foi que, na entrevista com a debutante E2 após a realização de sua festa, ela mencionou que uma *médium*³ havia psicografado, ao entrar na festa, uma mensagem do avô já falecido da debutante, escrevendo-a no caderno de recados.

4.3.4.3 Comentários Posteriores à Festa

³ *Médium* é aquele que serve de elo entre o mundo em que vivem os espíritos (plano espiritual, quarta vertical, quarta dimensão, mundo astral...) e o mundo terreno, assim este se abre para que o espírito se utilize dele.

Quando questionadas sobre a repercussão após a festa, todas as debutantes disseram que foram elogiadas, que as pessoas diziam que a festa estava muito boa. Essa opinião da sociedade parece ser importante para as jovens, que desejam que seu evento seja bem realizado e que, de alguma maneira, cause algum impacto para os convidados. A aceitação do outro dá validade ao ritual, demonstrando que este foi bem conduzido.

Quanto à repercussão em revistas e jornais, somente as debutantes E1 e E3 publicaram fotos de suas festas nesses meios de comunicação.

“É, saiu numa revista, no jornal...” E1

“O pessoal falou que foi boa, que foi muito bom. Eu não achei tão bom assim, eu acho que acaba não aproveitando. Do que eu aproveitei eu não achei muito boa. Só que quando eu falava assim todo mundo falava “não, foi bom”. “Foi uma das melhores festas”...” E1

“Nossa, eles falaram que gostaram demais. Teve gente que falou que... nossa, nunca viu uma festa tão... fazia tempo que não via uma festa assim.” E2

“Até hoje, né? Até hoje ainda tem. Tanto de gente que vem me perguntar quem que foi que fez tal coisa, tanto de... Com cerimonial, perguntar quem fez também, pra poder fazer igual... Dos vestidos também... procura a moça que trouxe pra mim, os vestidos, e fala que quer igual ao meu... ou que quer do estilo do meu... E até hoje tá rodando a minha festa, por aí.” E3

“Saiu no jornal, saiu em revista... Disse que saiu em uma revista de caráter nacional, mas eu não vi ((riso)). Eu não sei que revista é.” E3

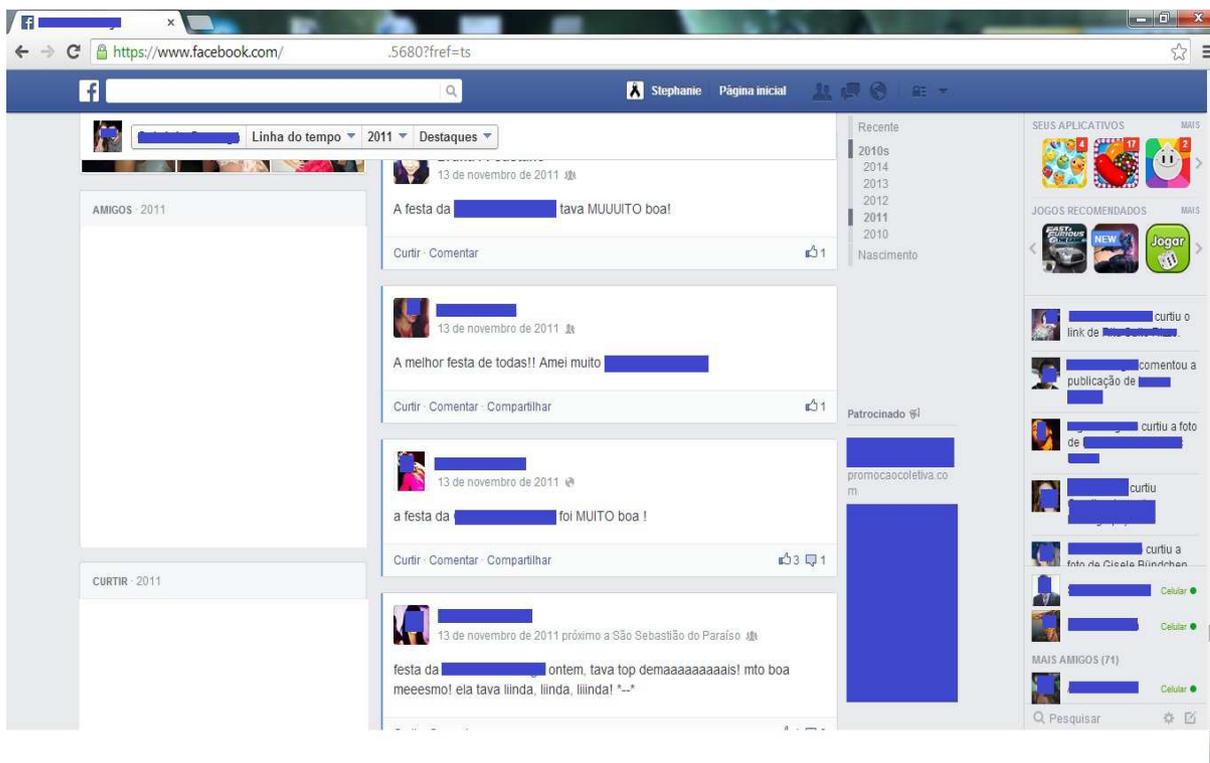
“Só elogios, principalmente pra mim, agora o que falaram pros outros... Falaram que eu estava maravilhosa, aquele papo...” E4

“Foram bons. As pessoas falavam “estava uma delícia”, “estava tudo maravilhoso”... Aí eu “graças a Deus” né? Mas foi tudo bom. Eles só elogiaram.” E5

“Todo mundo falou que amou. Falou que estava bem animado e tal...” E6

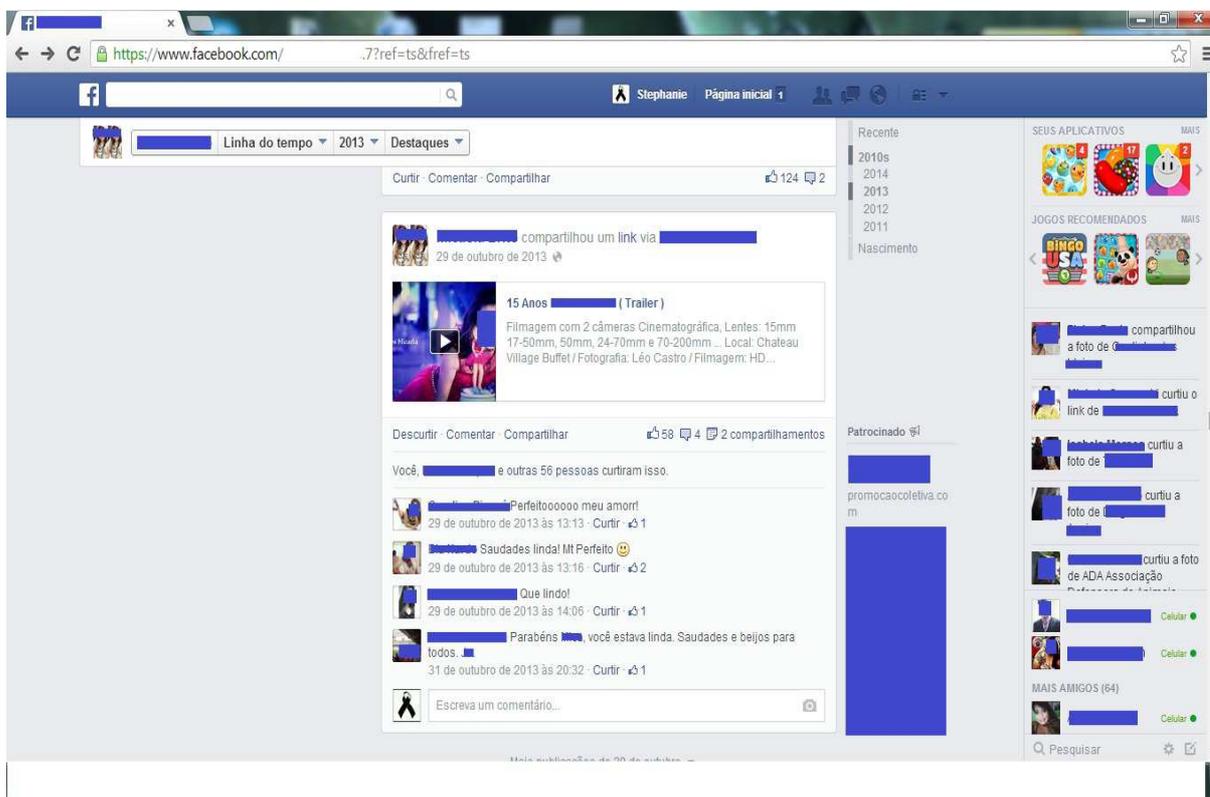
Além desses meios de comunicação, hoje a internet, principalmente por meio das redes sociais, reverbera de forma muita mais intensa os acontecimentos na sociedade. Em todas as páginas dos perfis das debutantes no site “Facebook”, os convidados se manifestaram acerca da festa.

Figura 29: Comentários da festa da debutante E3 no Facebook



Fonte: www.facebook.com

Figura 30: Comentários da festa da debutante E4 no Facebook



Fonte: www.facebook.com

Os comentários pós-festa dos convidados, bem como a difusão da festa pelos meios de comunicação, ajudam naquilo que DOUGLAS; ISHERWOOD (2002) chamaram de definições públicas visíveis. Isso significa que os comentários da audiência contêm o desvio dos significados dentro de uma sociedade, já que reafirmam como ocorrem os protocolos dentro de um ritual, no caso, o baile de debutantes.

Outro ponto a ser abordado foi o grande número de comentários acerca do aluguel dos salões em São Sebastião do Paraíso. O local mais utilizado para as festas de 15 anos possui três salões para serem alugados. Quanto mais salões eram alugados, mais comentários a festa recebia, pois era sinal de que o baile havia sido bom. As três festas pesquisadas na cidade mineira ocorreram nesse local e elas se diferenciaram pelo número de salões alugados. Os bailes das debutantes E1 e E3 foram muito comentados, pois ocorreram nos dois salões principais do lugar, enquanto que o baile da debutante E2 ocorreu somente em um salão e não teve tanta repercussão.

Enquanto isso, na cidade paranaense, a questão do aluguel do lugar do evento não foi tão discutida. Atribui-se a isso o tamanho das cidades e o número de espaços disponíveis para aluguel de eventos. Maringá é uma cidade de médio porte e possui cerca de vinte locais para eventos, de acordo com estimativa de um profissional do ramo da cidade⁴. A pequena cidade de São Sebastião do Paraíso conta com seis locais para eventos, de acordo com a cerimonialista entrevistada E1A5. Assim, como Maringá possui várias opções de salões, isso não chega a ser uma preocupação, enquanto que São Sebastião do Paraíso por possuir somente seis espaços para eventos, acaba por atrair as atenções para este fato.

4.3.4.4 Vestimenta dos Convidados

Nos convites dos bailes de debutantes aparece frequentemente o tipo do traje que deve ser utilizado na festa, por exemplo, social ou esporte fino. Em algumas festas, os seguranças bloqueiam a entrada de convidados que não estejam com a vestimenta

⁴ A pesquisadora realizou um estudo em 2012 com os profissionais da área de eventos de Maringá-PR acerca dos bailes de debutantes.

adequada ao traje solicitado no convite. Assim, se o traje é social e alguém aparece de jeans, não será permitida a entrada dessa pessoa.

Como dito no item 1.3.1.2 acerca do artefato simbólico vestimenta, os convidados consomem a festa, mas também são consumidos por ela, tanto é que ajudam na decoração, já que devem usar o traje solicitado no convite.

4.3.4.5 Motivos dos Convidados Para Irem à Festa

Aos entrevistados foram perguntados os motivos pelos quais os convidados iam ao baile de debutantes. As respostas dadas por eles elencaram os seguintes motivos: 1 – para os jovens, por ser uma festa, onde podem se interagir e se divertir; 2 – para a família e amigos mais velhos, por presenciar o crescimento da jovem e ter afeição por ela; 3 – por ser um momento muito importante para a vida da jovem; 4 – por há muito tempo não ocorrer uma festa de 15 anos na família, e 5 – pela expectativa da festa ser boa.

“Ah não sei, porque é um momento importante né. E porque é festa né.” E1

“Eu acho que mais isso mesmo, de fazer muito tempo que não tem. Do lado meu, assim, é a primeira que faz. É a primeira que faz. Por exemplo, a minha irmã, que é mais velha que eu, teve o baile de debutantes. Mas isso há trinta e tantos anos atrás. Trinta não, quarenta anos atrás. Ela é mais velha que eu. E depois disso não teve mais. Acabou.” E1A1

“Eles foram mais pela festa, mais pelo final de semana. Acho que é mais isso. Lógico, tem os amigos mais próximos que valorizam mais isso. Mas a maioria, porque tem uma festa pra ir.” E1A1

“Porque elas já estavam com o comentário que ia ser bom, já estavam com uma expectativa. Mas seu fiquei com medo de decepcionar. Acabou que não, que foi mais ainda... Todo mundo esperava muito, mas foi mais do que todo mundo esperava. Então estava todo mundo muito doido pra ir na festa. Porque ia ser legal, porque o convite já foi muito impactante, já foi bem diferente... E o lugar já é um lugar que todo mundo considera bastante... Todo mundo sabe que eu fazia, antes dos meus quinze anos, eu fazia umas festas legais também. Então acho que todo mundo ficou doidinho pra ir.” E3

“Festa de graça, bicão... Comida de graça ((risos)). Tem a parte afetiva, que os avós, os tios, os padrinhos todos vieram porque, creio eu, gostam da pessoa. A família em si. Os amigos vão porque querem ir em festa mesmo, não querem nem saber, vai até em festa de quem não gosta, né? Vai. É isso, mas... No caso dela foi claro. E porque na minha família, festa igual a dela, não teve. Só de alguma sobrinha minha, que moravam... moram lá em Rondonópolis, que nem todo mundo foi, também, porque era difícil de ir... Mas não chegou a ser igual a dela.” E3C1

“E me conhecem desde pequena né, então eles me verem, 15 anos eu, então eles acharam importante ir.” E4

“O conhecimento, o carinho pela Micaela, pela família... Esse compromisso, tantas pessoas que vieram de fora... É bem esse carinho mesmo, pela família, por ela, de ser a festa dela...” E4D1

Os convidados mais velhos, principalmente familiares, vão então aos bailes de debutantes por uma questão ética, ou seja, de que família e amigos devem estar unidos em todas as fases da vida de um ser humano.

Os convidados mais jovens vão ao baile de debutantes por outras razões. A interação social dos adolescentes se sobrepõe ao individualismo. Para o adolescente, pertencer a um grupo nessa idade é o objetivo mais importante de sua vida e, para isso, é preciso conviver com este grupo e o baile de debutantes é a oportunidade para isso. Além do mais, a festa de 15 anos propicia aos jovens a liberdade dada pelo reconhecimento de seu crescimento, o que implica na interação entre os gêneros e no consumo de bebida alcoólica, motivando conseqüentemente a ida do adolescente à festa.

4.3.4.6 “Bicões” – pessoas não convidadas

Algo bem comentado pelos entrevistados era a liberação ou não da entrada na festa das pessoas que não haviam sido convidadas. Algumas debutantes eram rigidamente contra, até porque é muito usual hoje em dia a entrega de convites individuais obrigatórios para a entrada na festa junto ao convite principal, como forma de se vedar os conhecidos “bicões”.

No entanto, as debutantes E3 e E6 mencionaram que haviam gostado da entrada de várias pessoas não convidadas, citando até que isso havia melhorado a festa. Tal atitude é explicada pelo fato de que os “bicões” são pessoas jovens e se elas querem entrar na festa é porque essa está sendo muito comentada. Além disso, as debutantes mencionaram que fizeram muitas amizades com essas pessoas não convidadas, aumentando o seu círculo social.

4.3.5 Repetição

4.3.5.1 *O Que Repete em Todas as Festas*

Alguns artefatos simbólicos podem ser encontrados em todas as festas, como o bolo, o vestido, o salão de festas, o *buffet*, o DJ, a decoração, o telão, o clipe, as fotos, as lembrancinhas, a valsa com o pai, a valsa com o príncipe e o convite.

O roteiro do baile, de forma geral, é sempre parecido, sendo que somente o cerimonial é que de festa para festa sofre alguns acréscimos. Os papéis dos agentes são bem definidos, principalmente da debutante, de seu pai e sua mãe, portanto em todas as festas as funções exercidas por eles se repetem.

Quanto à audiência, existem dois tipos de convidados: os jovens e os mais velhos, sendo que eles ficam, normalmente, em espaços diferentes durante o baile. Os jovens ficam na pista de dança, enquanto que os mais velhos ficam aonde é servido o *buffet*.

4.3.5.2 *O Que Mudou das Festas de Antigamente Para as Festas Atuais*

Quando os pais e a avó eram questionados se as festas atuais eram diferentes daquelas de antigamente, todos respondiam afirmativamente.

A primeira mudança dita era acerca do vestido, que antes era parecido com aquele usado pela noiva, além de não haver todas as trocas de roupa de hoje. Outra mudança foi quanto à espetacularização do ritual, já que antes não era contratado *buffet* nem salão, não havia coreografia, as festas eram realizadas em casa de forma bem simples e caseira. Não havia a participação dos jovens, os convidados eram os familiares.

Uma diferença bem notada pelos entrevistados era que antigamente não era servida bebida alcoólica. O consumo de álcool era muito mais contido do que o atual, principalmente em relação aos jovens.

“Eu acho que mudou tudo. Porque a festa, ainda que ela tenha esses protocolos, essas formalidades, ela é uma festa pra eles aproveitarem de fato. Até pelas questões que eu não concordo, como a bebida, mudou. Acho que era inadmissível, há um tempo atrás... a boate... eles dançam... eles ficam um com o outro... eles beijam na boca... Isso tudo... A festa da minha época, se eu tivesse feito, era uma festa pra mostrar mesmo. Aí sim, aquela coisa da entrada menina na vida adulta... Aí sim. Agora não, agora é uma balada que tem algumas formalidades incluídas.” E1A2

“Mudou, porque antes tinha o baile de debutante... Hoje é diferente, as músicas.. É tudo diferente. Havia, assim... como que eu te falo? Uma... O negócio era mais sério, não sei, mais... Sabe? Não tinha liberdade que hoje eles têm. Eu acho hoje melhor.

[...]

Podia ser que antigamente fosse uma coisa, assim... Tinha muito protocolo, entendeu? As famílias chegavam, você... O comportamento era diferente, em uma festa de quinze anos. Eu acho que hoje... Por exemplo, igual a da ***, já teve DJ, é uma festa mais animada, a participação jovem é maior. Eu prefiro hoje.

[...]

Começar com roupa. Aqueles vestidos pareciam de noiva, uma coisa assim... Eu acho que, não sei, a diferença era... eu acho que a diferença é grande. Existia toda a... A debutante não tinha a liberdade que ela tem hoje, ela não ficava descontraída. Eu acho que ela ficava muito amarrada. A etiqueta, o comportamento... entendeu? E hoje não, hoje ela já entra, ela já é mais descontraída, a turma brinca, grita, chama o nome... A minha era ir no clube, debutar, era todo aquele aparato... dançava com o pai, dançava com o irmão, com alguma coisa... aquela valsa... E o comportamento era diferente. A gente era muito reprimida. Hoje não, eu ainda vi pela festa da ***. Teve o painel, passou o filme desde pequenininha, a turma toda em volta gritando, fazendo brincadeira. Mas se era na época da gente, isso aí era uma feiura, era uma falta de educação.” E1A3

“Antigamente mesmo, não tinha esses recursos que tem agora. Não tinha DJ, não tinha barman... Não tinha... A decoração não era tão elaborada. Hoje em dia, a festa de quinze anos não perde em nada pra uma festa de casamento. Dependendo, até fica melhor do que uma festa de casamento. Né?” E3C1

“Não, do que eu lembro, antes, é que tinha aquele negócio de várias debutantes, tinha o baile... Era diferente. Então, essa parte eu não participei muito. Eu via ali, tudo, mas não... A que eu vi mais foi a da ***, que foi na minha casa, tudo... Agora é muito mais produzido. Por ser individual, como no caso da ***, acho que não perde pra nenhum baile daqueles que tinha, aquelas coisas, mas é uma pessoa só. A produção era menor. Tinha aqueles vestidinhos de noiva, lá, que elas punham, aquelas ((risos)).” E3C2

“Ah, tudo é diferente. A cabeça era outra, minha festa de 15 anos foi pra parente. Não tem essa dimensão delas, de ser pros amigos, balada, nada disso. Era uma coisa totalmente menina, mesmo. Então, assim, os pais queriam fazer a festa, mas era pra família, uma festa de 15 anos como se fosse uma festa de um aninho ((risos)).

[...]

Nada, porque... Tudo diferente, porque nada... Não foi essa história de *buffet*, nada disso, era época de salgadinho e refrigerante, nada de bebida... Totalmente oposto, totalmente outra época mesmo.” E4D1

Quando a festa de 15 anos não era realizada em casa, acontecia em clubes. No entanto, eram várias aniversariantes a debutar e não somente uma como ocorre hoje em dia. Além disso, só nessas ocasiões é que era dançada a valsa com o pai e com o irmão sem ensaios preliminares com coreógrafos.

4.4 A ANÁLISE DA CATEGORIA SIGNIFICADOS DA FESTA

4.4.1 Rito de passagem para a debutante, para os pais, para os convidados

Os pais tiveram posições diferentes quanto ao baile de debutantes como rito de passagem da jovem mulher. Alguns disseram que a festa de 15 anos não tem mais a mesma conotação de antes, qual seja, do crescimento da menina, sendo somente mais uma festa de aniversário. Porém, quando questionados sobre o porquê da presença de certos elementos, como a valsa, todos diziam que fazia parte do protocolo da festa, ou seja, eles reconheciam o baile como um ritual, mas paradoxalmente não o viam como um rito de passagem.

Outros pais mencionavam que notaram diferenças nas filhas após o baile, que elas estariam mais maduras. Dessa maneira, diziam que a festa de 15 anos representava o crescimento da jovem, e então poderia ser concebida como um rito de passagem.

Todas as debutantes disseram que mudaram após sua festa. Elas mencionaram que passaram a ser menos tímidas, aumentaram seu círculo de amigos e se sentiam diferentes, mais velhas. Os convidados também enxergavam o baile de debutantes como um rito de passagem, já que esperavam pelos artefatos simbólicos. Qualquer mudança drástica no roteiro da festa causava estranheza para a audiência. Além disso, os familiares compareciam ao baile tendo a justificativa de que tinham visto a jovem crescer, ou seja, reconheciam a festa de 15 anos como uma nova etapa da vida de debutante.

Essas opiniões divergentes quanto ao baile ser ou não rito de passagem advêm da resignificação do evento. Após o século XX, a mulher conquistou maior espaço perante a sociedade, como o direito ao voto e a inserção no mercado de trabalho. O bom casamento já não é visto como a sua única opção de vida, já que hoje a mulher tem independência financeira, inclusive muitas mulheres são as provedoras dos seus lares, não tendo mais o homem essa figura central. Dessa forma, a concepção de apresentar a filha à sociedade em busca de um casamento, evidenciando que a jovem havia crescido

e agora poderia se relacionar com o sexo oposto, não é mais o significado do baile de debutantes. No entanto, não é por isso que a festa de 15 anos deixou de ser um rito de passagem.

Hoje, o importante da sociedade contemporânea é ampliar o seu *social networking*, o que indica uma atitude de procura de contatos com a possibilidade de conseguir um relacionamento afetivo, ou de subir na carreira. O sucesso profissional é uma das grandes buscas das mulheres atuais. Assim, quando a debutante menciona que não é mais tão tímida e que após o baile passou a ter mais amigos, ela reconhece o que é mais importante para ela e que agora, como cresceu, é possível conseguir. O rito de passagem ainda é a maior questão do baile de debutantes, só que agora com uma perspectiva atual, dada às mudanças ocorridas na sociedade.

4.4.2 Status por Meio do Consumo (Gastos na Festa)

Os pais das debutantes mencionaram que gastaram o equivalente a um carro popular com as festas de suas filhas, sendo que dizem que se pudessem ter gastado mais, eles gastariam. Quanto mais elaborada a festa, com um número infindável de lembrancinhas, salões bem decorados, *buffet* diferenciado, cerimonial superproduzido, maior será o número de comentários sobre a festa, o que evidenciará o alto poder aquisitivo da família.

As festas de 15 anos são hoje tão caras quanto os casamentos e contam com uma mega produção. Em reportagem da revista de abrangência nacional VEJA, de maio de 2014, é dito que os bailes de debutantes são até 40% mais caros que os casamentos (QUINZE..., 2014). Diz ainda a reportagem que a festa é realizada pelo fato de “realizar sonhos familiares, impressionar os amigos e – por que não? – dar uma ostentadazinha” (QUINZE..., 2014, p. 106).

A reportagem evidencia aquilo que foi constatado por esse estudo: a família da debutante busca o status a partir do consumo dos artefatos simbólicos do baile de debutantes. Proporcionar uma festa cara para a filha é sinônimo de sucesso financeiro perante a sociedade.

4.4.3 Questões Sociais

Três questões sociais foram bem abordadas pelos entrevistados: a interação entre os gêneros, o consumo de bebidas alcoólicas por menores de idade e o uso de drogas.

O baile de debutantes no final das contas representa também o amadurecimento dos rapazes. São nessas festas que eles têm a oportunidade de consumir bebidas alcoólicas longe da vista dos pais. Tanto é que as debutantes mencionaram que se não houvesse a liberação de bebida alcoólica para menores de idade, os jovens não iriam na festa, assim os pais a contragosto permitiam que fossem servidas as bebidas.

“Ice liberou, mas não à vontade. Uma garrafinha para cada um, para não falar que não deu nada. Mas teve uns lá que encheu a cara de whisky. Ia lá em cima, vazava lá para cima, pegava o lugarzinho. Uns caras de pau.” E6G2

Como a festa de 15 anos representa o crescimento dos jovens, há também uma maior interação entre os gêneros, o que é uma preocupação para os pais e para as cerimonialistas. Os pais se diziam espantados pela formação de tantos casais entre pessoas tão jovens e as cerimonialistas procuravam conter qualquer tipo de intercorrência entre esses pares formados.

“Duas contratações, pra festa de quinze anos, são essenciais, que é a equipe de cerimonial e limpeza de banheiro. Não é bem pela limpeza... limpeza, assim, que tem que manter o tempo todo... mas ter alguém vigiando os banheiros. Eu já passei por festa de ter até uso de droga, dentro de banheiro. Então tem que ter uma pessoa constantemente no banheiro, pra evitar inclusive de entrar casaizinhos e tudo... Então tem que trabalhar muito com prevenção.” E1A5

O uso de drogas também ocorria, mas era evitado a todo custo pelos pais, ao contrário da bebida alcoólica que era mais liberada.

4.5 A ANÁLISE DA CATEGORIA MOTIVAÇÕES PARA A REALIZAÇÃO DA FESTA

Vários foram os motivos citados pelos entrevistados para a ocorrência do baile de debutantes, no entanto aqui serão tratados os três principais. O primeiro deles é realização de um sonho. Atualmente as mulheres se casam tarde ou não se casam, dessa forma os pais querem proporcionar o sonho de oferecer uma grande festa à filha, na qual eles possam participar das decisões. Para as debutantes, a ideia de ter a oportunidade de ser o centro das atenções por uma noite é tentador. O sonho delas está no fato de terem um momento especial totalmente dedicado a elas.

O segundo motivo é a união da família. A festa de 15 anos é o momento pelo qual parentes que moram distantes se encontram e celebram juntos. Tanto é que os entrevistados citaram que há muito tempo não havia uma festa grande na família e o baile de debutantes foi a forma de agregar todos em torno de uma celebração.

Outro motivo citado é a questão da convenção social. A festa de 15 anos é um momento esperado pela sociedade e assim a sua realização torna-se quase que obrigatória, principalmente em cidades menores. Foi possível observar que em São Sebastião do Paraíso o baile de debutantes da filha de determinada família é aguardado pela comunidade. Em Maringá este motivo está presente, mas não de forma tão acentuada. Há muito mais uma questão de status do que a pressão da sociedade pela realização do evento.

5 CONCLUSÕES

Sobre o significado do consumo dos bailes de debutantes. Os dados obtidos indicaram que os bailes são ainda vistos como rito de passagem, no entanto houve uma ressignificação devido às mudanças que ocorreram na sociedade. Antes, o baile tinha como significado apresentar a jovem à sociedade tendo como fim um bom casamento. Hoje, as mulheres se casam mais tarde ou então não se casam, e o foco da sociedade é o sucesso profissional. Dessa forma, o baile atual permite que a jovem amplie seu círculo social e, conseqüentemente, sua rede de contatos, o que a favorece futuramente quando inserida no mercado de trabalho e também para relacionamentos afetivos. A mudança primordial na vida das jovens após o baile é o aumento do seu *network*.

Uma outra questão a ser abordada a respeito do consumo ritualístico dos bailes é que é pungente a busca pelo status com a realização do evento. São gastas vultuosas quantias com o intuito de mostrar à comunidade a condição financeira da família que realiza a festa. Nesse ínterim, a indústria de eventos se beneficiou e tenta cada vez mais proporcionar uma gama variada de opções de artefatos simbólicos.

A respeito da identificação dos artefatos simbólicos presentes nos bailes de debutantes. Tal objetivo foi atingido, sendo eles: o bolo, a vestimenta, o espaço da festa, o DJ ou a banda, as lembrancinhas, o príncipe, a dança, a boneca, o convite, o caderno ou quadro de recados e os presentes, sobretudo a joia.

Outro objetivo era compreender a construção e transferência de significados dos artefatos simbólicos presentes nos bailes de debutantes. Tal fim foi atingido, sendo que no item 4 foi descrito o significado de cada artefato especificamente. De maneira geral, os artefatos tem como maior significado transmitir a ideia do crescimento da jovem, já que se trata de um rito de passagem.

Quanto ao objetivo de analisar comparativamente o consumo ritualístico dos bailes de debutantes nas cidade de Maringá-PR e de São Sebastião do Paraíso-MG. O que se pode concluir é que existem mais semelhanças entre os rituais do que diferenças. Os pontos controversos que puderam ser observados dizem respeito ao aluguel dos salões e às motivações para se fazer a festa.

Houve um grande número de comentários acerca do aluguel dos salões em São Sebastião do Paraíso. O local mais utilizado para as festas de 15 anos possui três salões para serem alugados. Quanto mais salões eram alugados, mais comentários a festa recebia, pois era sinal de que o baile havia sido bom. As três festas pesquisadas na cidade mineira ocorreram nesse local e elas se diferenciaram pelo número de salões alugados. Enquanto isso, na cidade paranaense, a questão do aluguel do lugar do evento não foi tanto discutido. Atribui-se a isso o tamanho das cidades e o número de espaços disponíveis para aluguel de eventos. Assim, como Maringá possui várias opções de salões, isso não chega a ser uma preocupação, enquanto que São Sebastião do Paraíso por possuir somente seis espaços para eventos, acaba por atrair as atenções para este fato.

A festa de 15 anos é um momento esperado pela sociedade e assim a sua realização torna-se quase que obrigatória, principalmente em cidades menores. Foi possível observar que em São Sebastião do Paraíso o baile de debutantes da filha de determinada família é aguardado pela comunidade. Em Maringá este motivo está presente, mas não de forma tão acentuada. Há muito mais uma questão de status do que a pressão da sociedade pela realização do evento.

Por fim, o objetivo geral era compreender o significado do consumo ritualístico dos bailes de debutantes. A medida que os objetivos específicos eram atingidos, se tornava mais claro o consumo do ritual da festas de 15 anos. O que esse estudo mais evidenciou foi a ressignificação que o rito sofreu. Conclui-se que o ritual, mesmo que roteirizado, acompanha as transformações da sociedade.

5.1 LIMITAÇÕES DA PESQUISA

O fato do baile de debutantes ser do universo feminino e a pesquisadora ser mulher foi um entrave para as entrevistados com os homens e, talvez, trouxe ao estudo uma visão parcial do ritual. No entanto, como o método utilizado foi o da história oral, a questão da pesquisadora ser do sexo feminino propiciou uma aproximação maior com o objeto de estudo e com as entrevistadas.

Outra limitação é que o estudo não se preocupou com a classe social dos entrevistados e sim somente com o conhecimento do ritual, além disso foram pesquisadas somente os bailes de duas cidades brasileiras, o que limitou de certa forma o conhecimento do ritual na realidade brasileira.

5.2 SUGESTÕES PARA PESQUISAS

Como se observou, o consumo ritualístico dos bailes de debutantes foi ressignificado a partir das mudanças ocorridas na sociedade. Uma sugestão de pesquisa é continuar observando como esse ritual ocorre a fim de que após uma década possa ser verificado se houve outra ressignificação.

Não houve o critério de filtragem da amostra da classe social, portanto um estudo que levasse isso em consideração seria interessante para se descobrir se há diferenças significativas quanto ao ritual entre as classes sociais.

O estudo foi realizado a partir de amostras em duas cidades brasileiras, dessa maneira outra sugestão de pesquisa é a expansão do corte territorial da amostra para que possa ser compreendido o ritual dentro da realidade brasileira ou até mesmo de outros países.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE EVENTOS (ABEOC). **Festas continuam dando alegrias e bons lucros**. Florianópolis, SC. 25 jan. 2012. Disponível em: <<http://www.abeoc.org.br/2012/01/festas-continuam-dando-alegrias-e-bons-lucros/>>. Acesso em: 14 maio 2013.
- ATKINSON, Robert. **The Life Story Interview**. Sage University Papers Series on Qualitative Research Methods, Vol. 44. Thousands Oaks, CA: Sage, 1998.
- BARBOSA, L. **Sociedade de consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.
- BARBOZA, Renata A.; SILVA, Rogério R. da; AYROSA, Eduardo A. T. Ritos e Rituais de Consumo: um estudo etnográfico sobre o colecionismo do *Toy Art* no Brasil. In: EnANPAD – ENCONTRO CIENTÍFICO DE ADMINISTRAÇÃO. 35., 2011. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2011.
- BARDIN L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Tradução Pedrinho A. Guareschi. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CANONICE, B.C.F. **Normas e padrões para elaboração de trabalhos acadêmicos**. 3.ed. Maringá: EDUEM, 2013.
- CASTRO, Ana Lúcia de. **Culto ao corpo e sociedade: mídia, estilos de vida e cultura de consumo**. 2 ed. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2007.
- CRAIDE, Aline. A adoção da história de vida em pesquisas sobre a interculturalidade: uma nova possibilidade de aplicação no campo da Administração. In: EnPQ - ENCONTRO DE ENSINO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE. 3., 2011. João Pessoa. **Anais...** João Pessoa, 2011.
- CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- CUPOLLILO, Mariana B. N.; CASOTTI, Leticia M.; CAMPOS, Roberta D. Estudos de Consumo: um Convite para a Riqueza e para a Simplicidade da Pesquisa de Rituais Brasileiros. **Revista ADM.MADE**, ano 13, v. 17, n. 3, p. 27-46, setembro/dezembro, 2013.
- DEBERT, Guita G. Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral. In CARDOSO, Ruth (Org.). **A aventura antropológica: teoria e prática**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 1997. p. 141-156.
- DEBUTANTE Acontece. **Revista Tradição**. 04 jul. 2007. Disponível em: <http://www.debutanteacontece.com.br/noticias.asp?id_noticia=12>. Acesso em: 14 maio 2013.

- DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **The world of goods: towards an anthropology of consumption.** London and New York: Routledge, 2002.
- DURKHEIM, E., **Les formes élémentaires de la vie religieuse.** Paris: PUF, 1968.
- ESCALAS, Jennifer Edson. The Consumption of Insignificant Rituals: A Look At Debutante Balls. In: **Advances in Consumer Research** Volume 20, eds. Leigh McAlister and Michael L. Rothschild, *Advances in Consumer Research* Volume 20 : Association for Consumer Research, Pages: 709-716, 1993.
- ESTÉBAN, Stephanie Duarte; PÉPECE, Olga Maria Coutinho. O Consumo Ritualístico dos Bailes de Debutantes e seus Artefatos Simbólicos. In: III SIEP Consumo -III SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EM CONSUMO. 3., 2013. São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2013.
- FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa.** Tradução Sandra Netz. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- G1. **Pais gastam entre R\$ 15 mil e R\$ 90 mil em festas de debutantes.** 21 out. 2008. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL805675-5598,00-PAIS+GASTAM+ENTRE+R+MIL+E+R+MIL+EM+FESTAS+DE+DEBUTANTES.html>>. Acesso em: 20 set. 2012.
- GENNEP, A. Van. **Os ritos de passagem.** Petrópolis: Vozes, 2011.
- HOLT, Douglas B. Examining the Descriptive Value of “Ritual” in Consumer Behavior: A View From the Field. In: **Advances in Consumer Research** Volume 19, eds. John F. Sherry, Jr. and Brian Sternthal, *Advances in Consumer Research* Volume 19 : Association for Consumer Research, Pages: 213-218, 1992.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2010.** Brasília, DF, 2012. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 13 maio 2013.
- ISTO é dinheiro.**Revista Princesas do século 21.** 09 maio 2007. Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoedinheiro-temp/reportagens/mercados_de_eventos.htm>. Acesso em: 14 maio 2013.
- LANGNESS, L.L. **História de vida na ciência antropológica.** Tradução de Heloisa Previdello. São Paulo: EPU, 1973.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.
- LEVY, Sidney. **Marketplace Behavior -- Its Meaning for Management,** Chicago: AMACOM, 1978.
- MARTIN, Mary C.; KENNEDY, Patricia F. Social Comparison and the Beauty of Advertising Models: the Role of Motives For Comparison. In **Advances in Consumer Research** Volume 21, eds. Chris T. Allen and Deborah Roedder John, *Advances in Consumer Research* Volume 21 : Association for Consumer Research, Pages: 365-371, 1994.

- MATOS, Eliane Bragança de. História de vida e Consumo – Uma proposição Metodológica para a Pesquisa do Comportamento do Consumidor. EnANPAD – ENCONTRO CIENTÍFICO DE ADMINISTRAÇÃO. 34., 2010. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2010.
- MCCRACKEN, Grant. **Cultura e Consumo**. São Paulo: Mauad, 2007.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.
- MOWEN, John C.; MINOR, Michael S. **Comportamento do consumidor**. Tradução Verda Jordan. 1. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2003.
- PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- PÉPECE, Olga Maria Coutinho. **Marcas como objeto de coleção: uma análise baseada nas motivações para colecionar e na teoria de cadeias meio-fim**. 2009. 302 f. Tese (Doutorado)-Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.
- QUINZE vezes princesa. **Revista VEJA**. 14 mai. 2014. Edição 2373. Ano 47, nº 20. Editora Abril, 2014.
- RIVIÈRE, Claude. **Os ritos profanos**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1996.
- ROOK, Dennis W. Dimensão cultural do comportamento de consumo. **RAE**, jan./mar. 2007.
- SASSATELLI, R. **Consumer culture: history, theory and politics**. USA: Sage, 2007.
- SCHOUTEN, J.W; MACALEXANDER, J.H. Subcultures of consumption: an ethnography of the new bikers. **Journal of consumer research**, 1995.
- SEGABINAZZI, Rodrigo C.; NIQUE, Walter M.; PINTO, Diego C. O estilo de vida da tribo do surf e a cultura do consumo que a envolve. In: EnANPAD – ENCONTRO CIENTÍFICO DE ADMINISTRAÇÃO. 35., 2011. Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2011.
- SEGALEN, Martine. **Ritos e rituais contemporâneos**. Rio de Janeiro: FGV, 2002.
- SLATER, Don. **Cultura do consumo & modernidade**. Trad. de Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Nobel, 2002.
- SPINDOLA, Thelma; SANTOS, Rosângela da Silva. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?) **Revista da Escola de Enfermagem da USP**. São Paulo, v.37, n.2, jun. 2003.

SUAREZ, Maribel C. Rituais de Consumo e Abandono: uma abordagem complementar para as campanhas antitabagistas. In: EnANPAD – ENCONTRO CIENTÍFICO DE ADMINISTRAÇÃO. 35., 2011. Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2011.

SUAREZ, Maribel C.; MACEDO-SOARES, T. Diana L. van Aduard de; CHAUVEL, Marie A.; CASOTTI, Letícia M. Oportunidade e desafio em marketing: como e por que as pessoas se desfazem de seus bens? **Revista Eletrônica de Administração**. Porto Alegre, Ed. 68, v.17, n.1, p. 26-57, jan./abr. 2011.

TETREAULT ,Mary A. Stanfield; KLEINE III, Robert E. Ritual, Ritualized Behavior, and Habit: Refinements and Extensions of the Consumption Ritual Construct. In: **Advances in Consumer Research** Volume 17, eds. Marvin E. Goldberg, Gerald Gorn, and Richard W. Pollay, Association for Consumer Research, Pages: 31-38, 1990.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TURNER, Victor W. **O processo ritual**: estrutura e antiestrutura. Tradução de Nancy Campi de Castro. Petrópolis: Vozes, 1974.

ULLMANN, R. A. **Antropologia**: o homem e a cultura. São Paulo: Vozes, 1991.

WALLENDORF, Melanie; REILLY, M. Distinguishing culture of origin from culture of residence. In: Richard Bagozzi e Alice Tybout (eds.). **Advances ins Consumer Research**. Ann Arbor, MI: Association for Consumer Research, v. 10, p. 699-701, 1983.